



**CENTRO UNIVERSITÁRIO FAMETRO  
CURSO DE JORNALISMO**

**LUNARA DE OLIVEIRA PEREIRA CRUZ  
MARIANA CELINA DA SILVA MARTINS  
REBEKAH LOPES FEITOSA**

**DESAFIOS, TRAJETÓRIA E COBERTURA JORNALÍSTICA**

Produção de um livro-reportagem sobre a caminhada do Manaus Futebol Clube para a conquista do acesso no Campeonato Brasileiro da série D em 2019

**MANAUS-AM  
2020**

**LUNARA DE OLIVEIRA PEREIRA CRUZ – 364559**

**MARIANA CELINA DA SILVA MARTINS - 422964**

**REBEKAH LOPES FEITOSA - 386403**

**DESAFIOS, TRAJETÓRIA E COBERTURA JORNALÍSTICA**

Produção de um livro-reportagem sobre a caminhada do Manaus Futebol Clube para a conquista do acesso no Campeonato Brasileiro da série D em 2019

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Ceuni Fametro, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Msc. Leila Ronize Moraes de Souza.

**MANAUS – AM**

**2020**

Cruz, Lunara.

Desafios, trajetória e cobertura jornalística / Lunara de Oliveira Pereira  
Cruz, Mariana Celina da Silva Martins, Rebekah Lopes Feitosa. 2020.

Orientadora: MSc. Leila Ronize Moraes de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso (bacharelado em jornalismo) –  
Centro Universitário – Fametro

Inclui anexo e bibliografia

1. O jornalismo esportivo na era do futebol. 2. O livro-reportagem  
como ferramenta jornalística. I. Cruz, Lunara, II. Martins Mariana, III. Feitosa,  
Rebekah. IV. Centro Universitário – Fametro V. Desafios, trajetória e  
cobertura jornalística

CCD ---

**LUNARA DE OLIVEIRA PEREIRA CRUZ – 364559**  
**MARIANA CELINA DA SILVA MARTINS - 422964**  
**REBEKAH LOPES FEITOSA - 386403**

**DESAFIOS, TRAJETÓRIA E COBERTURA JORNALÍSTICA:**

Produção de um livro-reportagem sobre a caminhada do Manaus Futebol Clube para a conquista do acesso no Campeonato Brasileiro da série D em 2019

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Ceuni Fametro, como requisito parcial para a obtenção do grau de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Msc. Leila Ronize Moraes de Souza.

Manaus, 10 de dezembro de 2020

**BANCA EXAMINADORA:**

---

Professora MSc. Leila Ronize Moraes de Souza  
(orientadora) Centro Universitário Fametro

---

Professora Dra Cristiane de Lima Barbosa  
Centro Universitário Fametro

---

Professora MSc Liege Socorro Peres Albuquerque  
Centro Universitário Fametro

## **DEDICATÓRIA**

### **LUNARA DE OLIVEIRA PEREIRA CRUZ**

Dedico este trabalho às pessoas que trabalham pela valorização do futebol e jornalismo esportivo do Amazonas. Também a todos que acreditaram na construção deste livro-reportagem.

### **MARIANA CELINA DA SILVA MARTINS**

Dedico esse livro a todas as mulheres que escrevem sobre esporte, que lutam diariamente contra o preconceito e o preceito de que apenas homens conseguem entender a modalidade. Dedico também a todos que ajudaram a construir a história da subida do Manaus FC para a série C e principalmente aos dirigentes Luís Mito e Giovanni Alves que acreditaram desde o começo que o futebol amazonense podia sim ser visto como glorioso novamente.

### **REBEKAH LOPES FEITOSA**

Dedico este trabalho a minha mãe que esteve presente em todos os momentos da minha

vida, por ela busquei um futuro melhor. Dedico também aos profissionais da equipe do Manaus Futebol Clube que auxiliariam para que esse projeto fosse a diante.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradecemos primeiramente a Deus que permite todas as coisas e por nos dar forças para continuar segundo os nossos sonhos na carreira jornalística.

Agradecemos aos nossos familiares que sempre estiveram presentes conosco nessa caminhada. As nossas mães e pais que sempre investiram em nossa educação. Um agradecimento especial a Raimunda Cristina, Maria Cristiane, Alba Lúcia, Juliana Gomes e Maria Gomes

Gratidão também pelos amigos que conquistamos ao decorrer do curso de jornalismo e que hoje são como irmãos. Agradecemos principalmente a Thaíssa Moura, Débora Vales, Jackeline Sales e Diogo Gomes.

Agradecemos também por Deus estreitar nossos laços como amigas, durante este ano. Passamos por dificuldades mas nos apoiamos incondicionalmente durante essa caminhada. Embora nos atriemos, essa amizade jamais será esquecida.

Por fim, somos gratas por todas as pessoas que conhecemos ao longo da escrita do livro: fundadores, jogadores, torcedores, profissionais do esporte que abraçaram a ideia e não mediram esforços para nos auxiliar nesse projeto.

## EPÍGRAFE

“O menino apaixonado por futebol pode achar que um zagueiro de seu clube do coração é o melhor zagueiro de todas as épocas, apenas porque fez três ou quatro partidas muito boas. O homem adulto, jornalista formado, não se deixa iludir. Justamente porque carrega todo o nível de conhecimento que o menino deixou de herança. No caso do jornalismo esportivo, o menino deixa uma história muito mais bem formada do que a revelada pelo menino que se transforma em jornalista político ou da área econômica. Este aprende com o garoto de 12 anos os segredos do bom texto. Aprende com a leitura de livro bem escrito, com relato bem contado por algum parente paciente (COELHO, 2017)”.

## **RESUMO**

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo, por meio de um livro-reportagem, descrever os acontecimentos do Manaus Futebol Clube, durante o ano de 2019, na campanha do Campeonato Brasileiro Série D. O produto baseia-se em uma narração dos acontecimentos tendo vários personagens como protagonistas do livro, sendo 27 entrevistados, com seus relatos compilados em 168 páginas, relembrando os fatos da época. O mesmo surge como proposta de resgatar, em conteúdo jornalístico, uma passagem da história do futebol amazonense no século XXI, tendo em vista que poucos fatos do futebol estadual estão registrados de maneira aprofundada em produtos jornalísticos. Na produção do conteúdo foi possível perceber como profissionais do jornalismo esportivo se portam no dia-a-dia da editoria, as rotinas de uma diretora de clube e de um time de futebol. As experiências vividas na elaboração do material explicitam os deveres do jornalista esportivo na cobertura futebolística.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Manaus F.C; futebol; Campeonato Brasileiro; Série D.

## **ABSTRACT**

This Undergraduate Final Work objective to present, by means of a report-book, to describe the events of Manaus Soccer Club, during the year 2019, in the Brazilian Championship Series D campaign. The product is based on a narration of the events having several characters as protagonists of the book, being 27 interviewed, with their accounts compiled in xxx pages, remembering the facts of the time. The same comes as a proposal to rescue, in journalistic content, a passage of the history of the Amazonian soccer in the XXI century, having in mind that few facts of the state soccer are deeply registered in journalistic products. In the production of the content it was possible to perceive how professionals of sports journalism behave in the day-by-day of the publishing house, the routines of a club director and a soccer team. The experiences lived in the elaboration of the material make explicit the duties of the sports journalist in the soccer coverage.

Keywords: Report-book; Manaus F.C; Soccer; Brazilian Championship; Series D.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	18
<b>1. O JORNALISMO ESPORTIVO NO PAÍS DO FUTEBOL</b> .....	18
1.1 Os primórdios do futebol em terras tupiniquins.....	18
1.2. O surgimento do jornalismo esportivo .....	25
1.3 Os aspectos da cobertura jornalística esportiva .....	31
<b>2. O LIVRO-REPORTAGEM COMO FERRAMENTA JORNALÍSTICA</b> .....	41
2.1 O surgimento do livro-reportagem.....	41
2.2. Tipos de livro-reportagem .....	47
2.3. Estrutura do livro-reportagem.....	51
<b>RELATÓRIO TÉCNICO</b> .....	57
<b>MEMORIAL DESCRITIVO</b> .....	63
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	65
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	68
<b>ANEXOS</b> .....	73

## INTRODUÇÃO

Para este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), utilizamos como tema: Desafios, trajetória e cobertura jornalística: produção de um livro-reportagem sobre a caminhada do Manaus F.C para a conquista do acesso no Campeonato Brasileiro da Série C em 2019.

Podemos justificar a importância simbólica da subida do clube Esmeraldino ao Campeonato Brasileiro Série C, após 20 anos sem um time conseguir passar de divisão e 12 anos de um time amazonense de disputar a terceira divisão. É importante mostrar a trajetória do Manaus Futebol Clube, que em seus sete anos de vida, conseguiu quebrar um jejum aguardado pelo torcedor baré.

Diante do histórico citado sobre os acontecimentos do time do ano de 2019, levanta-se a questão: Como o jornalista pode levar até o público um acontecimento de grande relevância? É preciso que o jornalista saiba escolher qual assunto será relevante para seu público. Acreditamos que o esporte é um nicho de informações procurando com frequência pela sociedade.

Por esse fator, colocar em evidência a trajetória de um time de futebol para a conquista de nível nacional, se torna um grande atrativo noticioso. Porém é preciso escolher como as informações serão dispostas para o leitor.

Dentro do jornalismo, as duas principais formas de se propagar informações são através de notícias e reportagens. A reportagem é a forma escolhida como forma de transmitir a trajetória do Gavião do Norte para a narrativa desse produto jornalístico. Reportagens podem ser escritas em jornais impressos, eletrônicos e televisivos, em revistas e livros.

Tendo em vista períodos de conquistas estaduais e locais, logo houve uma notoriedade no Gavião do Norte. Então, levanta-se a questão de como o Manaus Futebol Clube conseguiu a ascensão no cenário do futebol amazonense.

A produção de um livro-reportagem sobre a trajetória do Manaus F.C evidenciaria as vitórias, derrotas, títulos e situações incomuns que o time vivenciou no ano de 2019? O livro-reportagem agregaria à literatura amazonense o atual período que o futebol baré vem passando no século XXI?

O histórico de títulos do Manaus F.C podem ser mensurados da seguinte forma: A agremiação conta com o título de Campeão Amazonense série B no mesmo ano de sua fundação (2013) Campeonato Amazonense sub-15 (2015) Campeonato Amazonense sub 17 (2016), Campeonato Amazonense sub-20 (2017) e o tri Campeonato Amazonense (2017, 2018 e 2019).

A falta de interesse coletivo e de jornalistas especializados gera uma desvalorização na memória do futebol amazonense. Os jogos são relatados de forma superficial, quase sempre por jornalistas que não fazem parte da editoria de esporte dos veículos de comunicação do estado. Gaspar Vieira Neto, afirma na introdução de seu livro sobre os primórdios do esporte no Amazonas (2016, p.14) que poucas obras foram lançadas sobre a história do futebol do estado. De acordo com o autor, isso acontece "na maioria das vezes por falta de interesse de pesquisadores e outras em dificuldades impostas por alguns órgãos que não se interessam em publicar livros sobre assuntos locais e em outras por escassez de fontes de outros períodos".

Em essência, um livro-reportagem busca contar fatos de modo aprofundado. Ele deseja revelar detalhes que o imediatismo das redações não consegue transmitir nos periódicos diários. Um livro-reportagem "abre espaço para abordagens diferentes, originais, criativas, menos urgentes e mais aprofundadas". (BELO, 2003, p. 42).

Além disso, a conquista histórica do acesso à série C, depois de vinte anos sem times do Amazonas conseguirem subir de divisão no campeonato, denota um importante acontecimento da história do futebol amazonense que precisa ser registrado.

Por isso, acredita-se que um livro-reportagem dedicado à trajetória do Manaus F.C para a conquista do acesso do Campeonato Brasileiro, conseguirá

colocar em evidência todos os fatos que não puderam ser noticiados pela mídia local, ou que foram noticiados de forma superficial. Ele é escolhido como produto jornalístico por se encaixar na descrição de uma abordagem original, aprofundada, com tema histórico para o cenário futebolístico amazonense e pelas memórias e relatos do grande acontecimento caracterizado como a subida à série C do Campeonato Brasileiro.

O time amazonense ganhou destaque nos periódicos diários mas há uma carência na apuração dos fatos detalhados dos acontecimentos daquele ano, por isso o livro-reportagem compila todos os fatos detalhados em um único meio informativo.

Além disso, acreditamos que a produção de um livro-reportagem reúne diversas funções que o jornalista desempenha na profissão, dentre elas, apuração, texto e edição. Esse produto se torna uma forma dos acadêmicos colocarem em prática todos os ensinamentos adquiridos ao longo da graduação para o trabalho de conclusão de curso.

O objetivo geral deste trabalho é produzir, em formato de livro-reportagem, a trajetória do Manaus Futebol Clube, desde a pré-temporada até a decisão do título e conseqüentemente a conquista do acesso para o Campeonato Brasileiro da Série C. Com o intuito de relatar o sucesso do Manaus F.C no ano de 2019 e deixar registrado o momento histórico que teve o futebol amazonense no século XXI

Para desenvolver o produto, investigamos as situações ocorridas em 2019 na rotina do Manaus F.C que não foram noticiadas pela mídia ou tiveram pouco destaque. Também esclarecemos questionamentos que não foram respondidos no decorrer do ano de 2019 sobre a situação do time. Como forma de entendimento, roteirizamos os acontecimentos por ordem cronológica das situações ocorridas em 2019. Além disso, escolhemos fotografias adequadas a cada momento histórico do time para ilustrar os acontecimentos de cada narrativa.

Basicamente, para que modalidades esportivas sejam bem difundidas em sociedade, é preciso que um profissional habilitado esteja presente para retratar situações e expor acontecimentos. O papel do jornalista esportivo se torna fundamental na divulgação de fatos concisos e verdadeiros que influenciam tanto em fenômenos políticos e sociais. O futebol do Manaus F.C divulgado pelo jornalista esportivo através do livro-reportagem se torna acervo histórico para ser guardado na história da modalidade do estado ao longo dos anos. O jornalismo propaga a informação e contribui para que ela não seja esquecida no tempo.

Por fim, utilizamos o jornalismo investigativo como base para a escrita de um livro-reportagem se faz fundamental para tal ato. "Uma das mais comuns formas de veiculação de notícias bem investigadas, com apelo ao humano e com escrita atraente, é feita em revistas e meios não convencionais, como em livros-reportagem" (GUZZO, TEIXEIRA, 2011, p.72). A investigação feita para a escrita de um exemplar se torna minuciosa, descobrindo atos antes não noticiados por nenhum meio de divulgação.

A investigação jornalística feita sobre o futebol apresentado pelo Gavião do Norte, em 2019, para escrita do livro-reportagem, pode trazer ao público fatos noticiosos de interesse e relevância social sobre o atual cenário do futebol amazonense. Por isso, tal gênero se torna fundamental para explorar a realidade.

Para a realização do livro-reportagem, foram utilizados, através método dedutivo, estratégias que possibilitaram a obtenção dos dados com maior objetividade, visando a organização no momento da coleta de informações.

Nos procedimentos metodológicos, existem diferentes tipos de pesquisa para situações diferentes Quando se analisa a abordagem que uma pesquisa científica deverá ter, é preciso entender sobre o que o pesquisador quer investigar. Essa investigação pode ser de cunho qualitativo ou quantitativo.

Para este estudo, a pesquisa qualitativa fora utilizada como ferramenta de pesquisa, tendo em vista que o produto jornalístico escrito visa primordialmente

evidenciar uma situação ocorrida por determinado objeto e o impacto dentro da sociedade.

Para que a pesquisa possa ser concluída de maneira satisfatória, os envolvidos no processo de coleta de dados utilizarão os seguintes processos de apuração: Pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Neste caso, esperamos reproduzir a rotina do time em 2019, reproduzindo os cenários e situações da época para entender como se deram os fatos durante o tempo estudado.

Esse tipo de pesquisa compreende em uma perspectiva interna os relatos dos indivíduos e grupos a cerca de uma situação vivida por eles. Ela pode ser mensurada nos depoimentos de pessoas e grupos que acompanharam a rotina do time amazonense. Se encaixam nesse cenário, torcedores, jogadores, funcionários do clube, imprensa, patrocinadores e outros. Através da documentação indireta, a pesquisa documental foi umas das ferramentas utilizadas.

Dentro da pesquisa documental, as pesquisadoras buscaram documentos advindos de arquivos particulares, que neste caso correspondem a documentos pertencentes a agremiação esportiva Manaus Futebol Clube, tais como documentos relacionados a fundação do clube e fotos documentais.

Diante dessa descrição, é válido destacar que a pesquisa bibliográfica utilizada como fonte de informação está relacionada a obtenção de informações advinda de matérias noticiosas de jornais impressos e programas jornalísticos futebolístico de rádio e tevê e internet.

A pesquisa de campo se torna uma das fontes essenciais para a escrita do livro-reportagem. Além dos recursos da pesquisa documental e da pesquisa bibliografia, os relatos do grupo, aqui mencionado como o grupo de pessoas ligadas ao futebol amazonense, como torcedores, dirigentes, jogadores e imprensa esportiva, são de suma importante para a estrutura da narrativa.

Vários autores evidenciam diferentes técnicas de pesquisa de campo para diferentes cenários pesquisados. As opções utilizadas no contexto deste produto jornalístico serão a entrevista e a história de vida

Desde o começo da elaboração do projeto jornalístico, era imprescindível que a entrevista e a história de vida fossem ferramentas de coleta de dados para a escrita. Essa é uma forma de ligar o leitor a história. A descrição de um fato por um personagem real, que tem emoções semelhantes ou diferentes a do leitor, acarreta lembranças do fato ocorrido no passado.

Os personagens entrevistados para o produto jornalístico foram Luis Mitozo e Giovanni Alves, fundadores do Manaus. F.C; Francisco Peixoto, fundador da Fazenda São Pedro; Wellington Fajardo, treinador de futebol; o massagista, preparador de goleiros, diretor de futebol e diretor de futebol do Manaus F.C, Graciliano Vilaça, Nailton Garcez, Rodrigo Novaes e Thiago Martins, respectivamente;

Os jogadores de futebol Wanderlan Silva, Jhonatan Queiroz, Thiago Pessoa (Spice); Hamilton Soares de Sá, Mateus Oliveira, Rossini dos Santos, Márcio Gama (Panda). Os jornalistas André Tobias, Thiago Guedes, Thaís Gama. Os torcedores Willian Hobson, Silas Forte, Juliana Silva, Miguel Henrique, Roger Souza, Théodon Souza e Gecivaldo Siqueira. O operador logístico da Arena da Amazônia, Zuleinilson Silva.

Acreditamos que o livro-reportagem é o resgate da função que o jornalista mais utiliza até hoje. Ele não somente apura, mas também escreve uma história. Ele retrata no papel, momentos, sentimentos, lembranças, fatos. Enfim, um misto de sentimentos a quem lê. Os escritores necessitam contar histórias extensas que não são suportadas nas páginas dos jornais impressos, tendo em vista os limites de texto que devem ser respeitados nos periódicos. Mas, quem deseja escrever um livro-reportagem deve ter em mente que o seu texto deve atrair primeiramente o leitor, e conseqüentemente para o autor.

Para a fundamentação teórica desde TCC, utilizamos os principais autores: Andreia Terzariol Couto; Edvaldo Pereira Lima; Eduardo Belo; Gaspar

Vieira Neto; Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel; Mário Rodrigues Filho e; Paulo Vinícius Coelho.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1. O JORNALISMO ESPORTIVO NO PAÍS DO FUTEBOL**

#### **1.1 Os primórdios do futebol em terras tupiniquins**

O jornalismo é uma das profissões mais antigas do mundo. O ato de se comunicar, de relatar um fato, de deixar registros acontece desde a pré-história quando homens das cavernas registravam nas paredes as pinturas rupestres. Mas voltando ao que conhecemos hoje, devemos definir o que é jornalismo.

JORNALISMO é a profissão ou ofício de escrever, publicar ou dirigir um jornal, departamento de notícia de emissora de rádio ou de televisão, ou uma assessoria de comunicação social. É uma das mais puras vocações do homem e comporta múltiplas especializações (NOBERTO, 1978, p. 13).

Há definições mais atuais sobre o significado da profissão. “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social. Pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet. Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e ao interesse público”. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 13). Eduardo Belo (2003) acrescenta a definição, que o papel do jornalismo é fazer a seleção das informações. A profissão impede que as pessoas percam tempo procurando assuntos interessantes. Esses mesmos assuntos podem ser separados pelo gosto de cada leitor. Há aqueles que leem com mais intensidade sobre política, economia, polícia e outros. Essa divisão de assuntos, dentro de um jornal é chamada de editoria.

Dentro dos veículos de comunicação, sejam eles quais forem, existem os cadernos ou editorias. Natalício Noberto (1978, p. 151) aponta que um caderno significa “(...) cada uma das partes, separadas da edição de um jornal”. A Assessoria de Comunicação Social do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios (p.12) acrescenta que as editorias são normalmente divididas em “(...) esportes, cultura, internacional, economia, política, geral (assuntos diversos), ciência e/ou saúde, cadernos especiais como televisão, futurismo, suplementos de domingo ou literatura”.

Dando ênfase para a editoria esportiva, de acordo com Noberto, (1978, p.137) esse caderno aborda regras dos esportes, jargões esportivos e outros aspectos das modalidades. “A maneira de reportar um acontecimento esportivo varia com a modalidade da competição, é claro. Mas a técnica de redação é a mesma de qualquer outro tipo de cobertura”.

Antes de nos aprofundarmos sobre o surgimento da editoria esportiva, precisamos enfatizar como o futebol, um dos maiores esportes do mundo, e que movimentava com maior afinco as editorias esportivas de todo o Brasil, chegou sem terras tupiniquins. É importante ressaltar que a historicidade do futebol no Brasil é importante, pois o produto a ser produzido neste trabalho foca em um time de futebol amazonense, o Manaus Futebol Clube.

De acordo com a história oficial, Charles Miller é o personagem principal quando falamos da chegada do futebol ao Brasil. De acordo com o historiador John Mills (2005), Miller nasceu em São Paulo no dia 24 de novembro de 1874, filho de pai escocês e mãe brasileira com raízes inglesas. Os pais estrangeiros achavam importante que o filho fosse alfabetizado no idioma inglês. Aos 10 anos, Miller viajou a Inglaterra para estudar. Lá conheceu o football e o rúgbi. Na Banister Court School praticava o football na posição de atacante. Com o passar dos anos e a habilidade na modalidade foi ganhando destaque no esporte inglês. Conheceu as técnicas e regras e em 1894, após terminar os estudos retornou ao Brasil.

A ideia fixa em sua cabeça era difundir aqui o futebol que ele tanto havia aprendido na Inglaterra em partidas memoráveis, tais como o inesquecível jogo que disputara ao lado dos legendários Fry, Wreford-Brown e Smith, do Corinthian inglês, e as partidas com seus colegas e amigos de escola, do St. Mary's e do Condado de

Hampshire: Denning, Ellaby, Watson, Edwards, McLeod e Sapper Evans (MILLS, 2005 p. 47).

De acordo com o historiador Gaspar Vieira Neto (2017, p.25) Miller chegou ao Brasil trazendo na bagagem “(...) duas bolas, um par de chuteiras, camisas de clubes, uma bomba para encher as bolas e um livro de regras do Football Association”. Vieira Neto, porém afirma que a modalidade esportiva era praticada anos antes de 1894, data assinalada como histórica da chegada do futebol às terras brasileiras.

A primeira informação sobre um possível jogo de futebol no Brasil data de 1874, quando marinheiros estrangeiros, tripulantes de navios que estava ancorados no porto do Rio de Janeiro, realizaram partidas na Praia da Glória. Já outros relatos afirmam que entre 1875 e 1876, funcionários ingleses e brasileiros, pertencentes às empresas britânicas Leopoldina Railway e City, realizaram várias partidas no campo do Paysandu Cricket Club, no Rio de Janeiro e eram comandados por um inglês chamado Mr. John. Em 1878, tripulantes do navio inglês Criméia teriam feito uma partida de exibição” (VIEIRA NETO, 2017, p. 22).

A linha cronológica de registros sobre partidas em terras brasileiras antecessoras a Miller continua. Vieira Neto (2017) aponta que os padres foram figuras importantes da disseminação do esporte no país.

Como se pode perceber, muitos colégios religiosos, incentivados pelos padres (que trouxeram as primeiras bolas), já praticavam o futebol entre seus alunos, mas muitas vezes o jogo da bola se limitava aos muros das instituições escolares, sem que na verdade aquele novo esporte fosse divulgado e expandido pelo imenso território nacional (VIEIRA NETO, 2017, p. 24).

Porém o que faz Miller ser considerado o pai do futebol brasileiro, é que ele, segundo Lívia Gonçalves Magalhães (2010), foi a pessoa que trouxe o perfil de futebol competitivo através das regras, disseminando a expansão da modalidade nas terras brasileiras.

Voltando a chegada do futebol ao Brasil após Miller, um aspecto fora percebido na época com relação a sua popularidade em terras brasileiras: era preciso familiarizar-se com a grande influência que os ingleses exerciam no futebol daqui. Vieira Neto (2017, p. 34) afirma que muitos termos da língua inglesa se fundiram no vocabulário futebolístico brasileiro, como “(...) Goal-

keeper (goleiro), Linesmen (bandeirinha), Ground (campo), Forward (atacante), e Referee (árbitro)”.

Já Mário Rodrigues Filho (2003) aponta que com a fundação dos primeiros clubes brasileiros, era nítida a presença de jogadores estrangeiros com nomes diferentes. Poucos brasileiros ganhavam chance de jogar em times recém-fundados. Só tinham oportunidade quando não havia mais estrangeiros para contratar. A influência inglesa era tanta que brasileiros imitaram o modo como os ingleses escreviam seu nome nos uniformes. Na época, jogadores ingleses colocavam apenas a primeira letra do nome abreviada no uniforme e escreviam o sobrenome completo.

Os brasileiros acharam bonito, quiseram imitar os ingleses. Victor Etchegaray, alias um nome nada brasileiro, aparecia nas escalações como V. Etchegaray, Clyto Portela como C. Portela, Horácio da Costa Santos, como H. da Costa Santos, Félix Frias, como F. Frias (RODRIGUES FILHO, 2003, p. 30).

Magalhães (2010) aborda outro cenário no começo da fundação do futebol no Brasil. A autora argumenta que a modalidade era um entretenimento para a elite. Como Charles Miller havia introduzido com maior afinco o futebol em São Paulo, o responsável por fazer a modalidade chegar a elite do Rio de Janeiro foi Oscar Cox que também trouxe equipamentos da Europa.

Porém, isso não era suficiente para consolidar o esporte no país. Nesse aspecto, foi Cox quem percebeu que o papel dos clubes era fundamental. No Rio de Janeiro, o primeiro a ser criado para a prática do futebol foi o Fluminense em 1902. Assim como o Paulistano – time da capital paulista que, na década de 1930, deu origem ao hoje conhecido São Paulo Futebol Clube – ele era formado apenas por brasileiros, todos eles, claro, membros da elite (MAGALHÃES, 2010, p. 15).

Enquanto a elite brasileira criava as ligas de futebol com jogadores da classe alta, ela tentava também fazer com que a modalidade não chegasse às classes sociais mais baixas, porém as tentativas foram em vão. Magalhães (2010, p. 16) aponta que a popularização do futebol brasileiro assemelhou-se ao futebol inglês. “Em uma situação parecida com o caso da Inglaterra, o avanço da indústria e o crescimento do operariado significaram a difusão do esporte pela classe operária”. Com relatos de moradores que jogavam bola nas

proximidades das linhas ferroviárias e com a popularização cada vez maior, o futebol dividiu-se em duas formas: “(...) a primeira, entre os times da elite e os times populares; a segunda, entre o amadorismo e o profissionalismo” (MAGALHÃES, 2010, p. 16).

Na visão de Vieira Neto (2017) como pobres e negros não tinham espaço no futebol da época, os mesmos acabaram fundando suas próprias ligas com pessoas do subúrbio. O autor traz a relação de como o racismo instaurou-se no futebol brasileiro em seus primórdios. Com o pouco tempo da abolição da escravidão no Brasil, os negros moravam em bairros e morros distantes da elite.

A burguesia brasileira estava impregnada de ideias racistas, muito em voga no início do século XX, que eram importadas da Europa e justificadas por várias obras lançadas no velho mundo na qual se afirmava a suposta inferioridade de negros, mestiços e índios (VIEIRA NETO, 2017. p. 35).

Com esse pensamento, era de se esperar que o racismo também ocorresse na modalidade esportiva praticada por negros e pobres. Porém, a popularização do futebol já estava avançada nas classes mais baixas. “Uma meia velha, da irmã casada, da mãe, papel amassado e enrolado com cordão, até tomar a forma de uma bola” (RODRIGUES FILHO, 2003 p. 49).

Mesmo com o racismo impregnado nas arquibancadas, houve algumas exceções na caminhada pela aceitação dos negros no cenário futebolístico da época.

A Ponte Preta, de Campinas, foi o primeiro time brasileiro a aceitar um negro em seu elenco (1900), assim como o Bangu do Rio de Janeiro (1905). Arthur Friedenreich, primeiro grande craque da história de nosso futebol, era mulato. No final da década de 1910, em Porto Alegre, os negros eram proibidos de jogar nos principais times e no campeonato gaúcho. Devido a isso, criaram seu próprio campeonato que ficou conhecido como Liga da Canela Preta, com times formados só por negros da periferia porto-alegrense. Mas somente anos depois, em 1923, é que um clube composto em sua maioria de negros e mulatos, conquistava um importante título: O Vasco da Gama, campeão carioca naquele ano. Mas o que pouca gente sabe é que em Manaus surgia, no ano de 1919, um clube de futebol chamado Euterpe e que era formado só por negros. O Euterpe também colaborou contra o racismo no futebol brasileiro, pois foi o primeiro clube totalmente negro a disputar um campeonato estadual de futebol no país (VIEIRA NETO, 2017, p. 35).

Com a disseminação do futebol em todo o país, de 1910 aos primeiros anos da década de 30, segundo Magalhães (2010, p. 18) o futebol brasileiro foi marcado pelo “(...) elitismo versus a democratização e a do amadorismo versus a profissionalização”. Os que lutavam pelo futebol elitista defendiam o amadorismo da modalidade, enquanto isso, aqueles que buscavam a democratização, também queriam a profissionalização.

“Para os ricos, o futebol não era uma profissão, diferente do que desejávamos indivíduos das classes mais baixas, que, para praticar o esporte de maneira ‘séria’, precisavam que ele fosse também (...) sua fonte de renda” (MAGALHÃES, 2010, p. 18). Após tantas lutas, no início do século XX a elite começou a perder o controle do futebol. Com a democratização, três casos brasileiros se destacaram: no Rio de Janeiro, capital do Brasil na época, Bangu e Vasco da Gama e em São Paulo o Corinthians, que eram em sua essência, times fundados por operários da classe baixa.

Com o inevitável crescimento do futebol em todo país, a modalidade chega ao Amazonas no fim do século XX. De acordo com Vieira Neto (2017) o futebol foi trazido por moradores ingleses e inicialmente praticado somente por eles, assim como outros esportes. Eles introduziram o futebol nos clubes esportivos e logo conquistaram seu espaço na alta sociedade amazonense.

[...] diferentemente de outras comunidades estrangeiras da cidade, os ingleses eram bastante restritos, na qual em seus encontros e clubes só era permitida a presença de membros de seu país e com muitos recursos nos bolsos. Somente poucos amazonenses, na sua maioria políticos influentes do estado, tinham acesso a seus espaços sociais. [...] Inclusive se diz que o primeiro clube de futebol, a surgir em Manaus era de origem inglesa, pois os bretões foram os responsáveis em traduzir o esporte para o Amazonas (VIEIRA NETO, 2017, p. 49).

De acordo com Alexandre Marco Araújo Chaves (APUD ZAMITH, 2008) com o final do ciclo da borracha no norte, os ingleses voltaram para suas terras. Deixaram para os nortistas heranças culturais, entre elas a arquitetura, formas de se expressar, costumes e o futebol, que já estava enraizado na vida social dos amazonenses.

Conforme Eliza Salgado de Souza (2017 p. 88) houve uma mudança no cenário futebolístico do Amazonas no final da primeira década do século XX,

“(...) se no início da organização esportiva se destacava o ciclismo e o turfe, a partir de 1909, essas modalidades passam a dividir espaço com o futebol, que tem uma ascensão com a criação de vários clubes”.

Essa intensificação levou a prática do esporte aos lugares públicos da cidade. Praças serviam como campos de futebol para a disputa de partidas. “Na verdade, o Bosque Municipal foi o primeiro campo surgido para a prática do futebol no Amazonas, pois possuía as dimensões ideais para isso, visto que os outros campos eram praças que, lógico, serviam para outra utilidade” (VIEIRA NETO, 2016, p. 189).

Os primeiros jogos aconteceram de forma improvisada em praças e bosques da capital amazonense. Por ser jogado de forma diferente dos tradicionais sportman, o futebol chamou atenção das pessoas que estavam presentes nas praças onde ele era jogado e por curiosidade essas pessoas começaram a chutar, tentando compreender o novo esporte.

Nos primeiros anos do jogo favorito do Amazonas, vários times foram formados. Contudo, por falta de documentos, não é possível determinar quantos times foram formados nesses anos iniciais. O fato é que o esporte estava consolidado.

Nesse período analisado (início do século XX), Manaus e Itacoatiara viram surgir vários clubes dedicados ao futebol que, dia a dia, ganhava mais terreno. São equipes que muitos, com certeza, nunca ouviram falar e sequer se sabe que um dia existiram. O tempo tratou de 20xper-los da memória coletiva (VIEIRA NETO, 2017, p. 104).

Com a popularização da modalidade no Amazonas e os torneios simples organizados pela população, de acordo com Chaves, (2013) o futebol começou a ganhar destaques da mídia manauense em meados de 1909. De acordo com Vieira Neto (2016), por causa da notoriedade da imprensa e da pressão que os clubes de futebol recém fundados criavam para que ocorresse o primeiro Campeonato Amazonense, era preciso criar uma entidade que organizasse a prática da modalidade no Estado. A primeira tentativa aconteceu em 1909, mas não foi adiante.

[...] muitos clubes surgiam e desapareciam rapidamente. Havia certa desorganização em alguns clubes e os dirigentes não mostravam interesse em levar esse projeto adiante. Somente 4 anos depois, em 1913, é que a proposta foi novamente discutida para que, finalmente, no ano seguinte, a tão esperada entidade fosse oficialmente fundada. (VIEIRA NETO, 2017, p. 462).

Com a rápida disseminação do esporte em todo o país, houve a necessidade de transmitir informações sobre o que estava acontecendo nas modalidades esportivas da época. As pessoas além de praticar esportes, estavam também ansiosas para saber o que acontecia nesse meio. Observando essa necessidade, empresas jornalísticas voltadas para a editoria de esporte começaram a surgir.

## 1.2 O surgimento do jornalismo esportivo

O jornalismo esportivo nem pensava em nascer quando no ano de III A.C.se registrava pela primeira vez uma prática esportiva parecida com o atual futebol. Em outras partes do mundo também se registrou esportes parecidos, mas com nomes diferentes.

Na Antiguidade já existia um jogo em que uma bola era chutada com os pés. Conta-se, inclusive, que até mesmo crânios eram usados como bola. Um documento do III a.C relata que o aniversário do imperador Xperi era comemorado com uma partida de *tsu-chu*. No Japão, era chamado de *Kemari*, na Grécia de *epysko*, em Roma *haspatun*, na Bretanha e Normandia *soule*, e na Itália *caulcio* (MILLS, 2014, p. 42).

Já na literatura antiga é possível identificar os primeiros registros concretos sobre práticas esportivas na poesia. De acordo com Mello (2014, p. 02) ela foi uma das primeiras formas de divulgar o esporte no mundo. Na Grécia antiga, durante os jogos esportivos realizados em diversas cidades os esportistas heróis eram eternizados em poemas em agradecimento aos deuses. Nessa época, era necessário vencer a disputa para ser considerado herói, “O veículo que guardava o nome do atleta para posteridade era a poesia. Píndaro, através de suas Odes, destacou os feitos dos heróis atletas e imortalizou seus nomes”. Esse fato acaba por prejudicar a realidade ao escrever sobre os fatos ocorridos, mas mostram que existia emoção e a necessidade de eternizar os acontecimentos.

Surge então o esporte moderno. Sua principal característica era a competitividade, pois antes os esportes tinham características religiosas e festivas. “A estrutura atual tem origem no denominado esporte moderno, que começa a ser estruturado no final do século XVIII, na Inglaterra, a partir dos valores aristocratas, sendo fortalecido pelos emergentes burgueses (...)” (GALLATT, 2010, p. 20). Essa mudança na prática esportiva resultou em grandes avanços sociais, se tornando de interesse coletivo. Por esse motivo as competições e práticas começaram a ser divulgadas.

Isso esclarece o fato de que os primeiros registros esportivos dos quais se tem notícia (literalmente) tenham sido, segundo Fonseca (1997, p. 127), de autoria da revista francesa *Le Sport* (1854), que publicava crônicas sobre os esportes mais praticados pelas elites até então – haras, turfe e caça – e notas sobre canoagem, natação, pesca, boxe, bilhar e outras práticas também consideradas elitistas na época. Além da revista *Le Sport*, outras publicações esportivas pioneiras que merecem destaque são os jornais *Sportsman* (Inglaterra, 1852), *Gazzetta dello Sport* (Itália, 1896) e *El Mundo Deportivo* (Espanha, 1906); e as revistas *El Cazador* (1856) e *El Sport Español* (1869), ambas espanholas (NEVES, 2018, p. 03).

No Brasil os primeiros relatos de jornalismo esportivos aconteceram no ano de 1856, segundo Thalita Neves (2018), através de receitas para o aprimoramento físico dos habitantes. Assim como no resto do mundo o esporte tinha um grande crescimento e a necessidade de informação também aumentava.

Já que o futebol que conhecemos foi trazido primeiramente para o estado de São Paulo, por Charles Miller, não seria diferente também com a divulgação do mesmo nos periódicos da época. Porém os jornais davam espaço para times fundados por estrangeiros e brasileiros ricos e excluía aqueles fundados por pobres e negros.

De acordo com Paulo Vinícius Coelho (2003) na década de 1910, o jornal da *Fanfulla* começou a dar espaço em seu jornal para a divulgação esportiva. Essas notícias eram voltadas para os italianos que haviam migrado para o Brasil. O conteúdo esportivo era fielmente escrito para esse público que em uma das edições chamava a comunidade para fundar seu próprio clube. Por consequência nasceu o *Palestra Itália*, conhecido atualmente como *Palmeiras*.

Marcos Guterman (2009) expõe com maiores detalhes como o periódico influenciou na fundação de um dos times mais populares do Brasil.

Ainda havia clubes que surgiam como resposta a demandas de uma comunidade. Foi o caso do Palestra Itália, atual Palmeiras, formado em 1914 com o objetivo de reunir jogadores italianos ou filhos de italianos. Afinal, como escreveu ironicamente na época um certo Vicente Ragognetti no jornal dos imigrantes italianos *Fanfulla*, em São Paulo havia 'o clube de futebol dos alemães, dos ingleses, dos portugueses, dos internacionais e mesmo dos católicos e protestantes', razão pela qual era necessário ter o clube dos italianos, a maior comunidade estrangeira no estado (GUTERMAN, 2009, p. 58).

Os jornais do Rio de Janeiro também aderiram ao esporte como segmento jornalístico na mesma época. "Em 1931, o *Jornal dos Sports* nasceu no Rio de Janeiro. A rigor, foi o primeiro diário exclusivamente dedicado aos esportes no país (COELHO, 2003, p. 9)". Cristina Konder (2004, p. 22) revela que os fundadores do jornal foram os jornalistas Álvaro Nascimento e Argemiro Bulcão. O periódico foi conhecido no Brasil como o *Cor-de-Rosa*, pois suas páginas rosadas, inspiradas pelo jornal francês *L'auto*, destacavam-se nas bancas.

De acordo com Konder (2004, p. 22) em 1936, Mario Filho decidiu comprar o jornal "em parceria com Arnaldo Guinle e o presidente do Club de Regatas do Flamengo, José Bastos Padilha. Era o início da arrancada que transformou o jornal no maior e mais importante veículo esportivo do país".

Coelho (2003) explica que o primeiro jornal a criar um suplemento voltado para assuntos exclusivamente esportivos e que atingisse a todas as classes sociais, ricos e pobres, brancos e negros, estrangeiros e brasileiros, foi o jornal *A Gazeta*, batizando o novo caderno de *Gazeta Esportiva*.

*A Gazeta Esportiva*, cujo primeiro número circulou em 24 de dezembro de 1928. Em 1947, o suplemento tornou-se um jornal diário e ganhou um grande número de páginas. Suas matérias, com coberturas amplas de todas as modalidades esportivas, o tornaram-no um dos mais completos jornais esportivos do país, com prestígio até no exterior. Em 2001, *A Gazeta Esportiva* deixou as bancas e passou a ter sua versão na internet pelo site [www.gazetaesportiva.net](http://www.gazetaesportiva.net) (COELHO, 2004, p.18).

A grande maioria dos periódicos esportivos impressos da década de 1950 e meados de 1960 ainda eram marcadas pelo elitismo. A luta da imprensa na

época era conseguir que os leitores de menor poder aquisitivo pudessem consumir informação esportiva. O amor aos esportes era intenso já nessa época. “E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto” (COELHO, 2003, p. 10). Com a luta da imprensa pela popularização da informação esportiva às massas, o caderno esportivo se tornou popular nas bancas, mas em oscilação.

Só no fim da década de 1960 os grandes cadernos de esportes tomaram conta dos jornais. Ou melhor: em São Paulo, surgiu o Caderno de Esportes, que originou o Jornal da Tarde, uma das mais importantes experiências de grandes reportagens do jornalismo brasileiro. Dessa época para cá, os principais jornais de São Paulo e do Rio lançaram cadernos esportivos e deles se desfizeram como se tratasse de objeto supérfluo. Gastar papel com gols, cestas, cortadas, bandeiradas nunca foi prioridade. Nem no Brasil, dito país do futebol, que só teria revista esportiva com vida regular nos anos 1970 (COELHO, 2003, p. 10).

Ao mesmo tempo em que os periódicos impressos lutavam pelo acesso a informação esportiva, a rádio chegava para disseminar a informação através da voz. De acordo com Marcos Guterman (2009, p.83) a primeira transmissão de rádio de um jogo de futebol no Brasil ocorreu no dia 19 de julho de 1931.

Os times que entraram em campo foram o São Paulo e Paraná. Como o rádio presa pelos detalhes, o locutor precisou ir aos vestiários para conferir o número e as características de cada jogador, pois na época não havia numeração nas camisas e era preciso descrever fielmente cada aspecto dos 22 jogadores em campo. “Também não havia muitos receptores de rádio, motivo pelo qual o jogo foi transmitido por alto-falantes numa confeitaria do Anhangaba”. A partida terminou 6x4 para o time paulista.

Com o passar dos anos, as transmissões radiofônicas se tornaram cada vez mais populares. Houve uma época em que elas passaram a ser canceladas, pelo fato do torcedor preferir ouvir o rádio a ir ao estádio assistir ao espetáculo.

No final dos anos 1970, as rádios davam show todo domingo nas principais capitais do país. Em São Paulo, por exemplo, o que não faltava era opção. Sem contar as tradicionais Globo, Jovem Pan, Tupi, Record e Bandeirantes, havia ainda emissoras como Difusora e Capital. A Excelsior, afiliada da Globo, transmitia todos os domingos o

segundo jogo mais importante. Nos anos 1990, a sintonia da Excelsior passou a ser ocupada pela CBN, Central Brasileira de Notícias (COELHO, 2003, p. 29).

A consolidação do rádio em meados de 1970 era inquestionável. Enquanto isso, a tevê traçava o seu caminho nas transmissões esportivas. De acordo com Rodrigues, (2013, p. 472) a televisão demorou a se popularizar entre a população. A chegada aconteceu em 1950. Em 1962 “quando a Excelsior fez as primeiras experiências com transmissões em cores, no programa Moacyr Franco Show, o rádio continuou sendo um meio de comunicação mais popular”.

O ano de 1970 foi o período em que a tevê brasileira entrou para história. A copa do México foi transmitida pela primeira vez na televisão para os brasileiros. Mais uma vez, os veículos de comunicação contribuíram para a disseminação do esporte.

Naquela copa, “Ao testemunhar um jogo da seleção pela TV, o torcedor de São Paulo sabia que, naquele exato momento, outro torcedor fazia exatamente como ele no Rio Grande do Norte” (GUTERMAN, 2009, p. 207).

Em Paris a final da Copa de 70 registrou mais aparelhos de tv. ligados do que a transmissão da chegada do homem à Lua, um ano antes. Na Copa de 1990, na Itália, a novidade foi colocada na parte superior dos estádios e chamavam câmeras “italianas” que com suas lentes bem abertas acompanharam os ataques e permitiram verificar a linha de impedimento. Mais uma vez a evolução da tecnologia beneficiando o esporte, os jornalistas e, claro, os torcedores (BARBEIRO, RANGEL, 2006, p. 102).

O jornalismo esportivo transmitido seja pelo jornal impresso, rádio ou televisão, no século passado, contribuíram cada um à sua maneira para que amantes de esporte pudessem cada vez mais ter acesso a informação. Os meios de comunicações esportivos não só influenciaram na forma de transmitir as modalidades, mas também na forma como seus jargões são conhecidos nos dias de hoje. As gírias futebolísticas que os torcedores do século XXI conhecem foram disseminadas por jornalistas que escreviam e transmitiam a informação. O Jornal do Sports que perdurou por 79 anos, de 1931 a 2010, foi um dos disseminadores dos jargões esportivos que conhecemos atualmente.

“O termo “Fla-Flu” é uma criação de Mario Filho; o “Dinamite” de Roberto, um dos maiores artilheiros da história do Vasco, surgiu na manchete do jornalista Aparício Pires. Isso sem falar no “urubu”, até hoje um dos símbolos do Flamengo, criado pelo saudoso Henfil em suas inesquecíveis charges nas páginas do JS” (KONDER, 2004, p. 22).

Diante do contexto histórico da comunicação brasileira, é possível analisar as diversas mudanças que o jornalismo passou da sua origem até os dias atuais. A evolução midiática trouxe uma nova roupagem. O que era irrelevante no passado, hoje se torna essencial em múltiplas escolhas no esporte. Com esse progresso tecnológico é possível produzir e consumir o conteúdo jornalístico esportivo de diversas maneiras.

O jornalismo esportivo também teve a sua evolução. Grandes investimentos em equipamentos ajudaram a cobertura jornalística a tornar algo mais prático e mais fácil de acompanhar. E com a chegada das plataformas digitais, houve o conforto para quem é fã de esportes, de acompanhar sua modalidade esportiva a qualquer hora e lugar.

Coelho (2003, p. 68) coloca em evidência a chegada da tevê fechada e como ela influenciou na dinâmica esportiva atual. “A história das televisões por assinatura no Brasil começou em 1991 quando a Globosat e a TVA colocaram suas programações no ar”. Com o tempo, canais como Fox Sports, ESPN, SporTV entravam na grade de canais de tevê por assinatura e começaram a realizar grandes coberturas esportivas com conteúdo de diversas modalidades, 24 horas por dia.

A linguagem do jornalismo esportivo proporciona o melhor aceitamento em relação a interatividade com o público. Barbeiro e Rangel (2006) determinam com nitidez a linguagem do jornalismo esportivo no Brasil.

Hoje, a linguagem jornalística esportiva está bem caracterizada de veículo para veículo. Algumas TVs adotam o estilo do jornalista-personagem, em que a função não é só passar a informação, relatar o fato. É preciso viver aquela emoção para o telespectador. O repórter faz rapel, escala montanhas, mergulha, desce corredeiras, luta, chora, sofre e vive até a última gota de emoção do esporte. Ele é tão protagonista quanto o atleta. Os jornais e revistas adotam a descrição em detalhes dos bastidores, a comprovação e explicação dos fatos esportivos acontecidos no dia anterior (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 55).

Então a internet também começou a se popularizar e se tornou um dos principais meios de comunicação mundial. Com o advento de tal, a facilidade de disseminação de conteúdo evoluiu incalculavelmente. “Ao mesmo tempo em que novas empresas surgem, as redações já existentes dos veículos tradicionais eram convidadas a fazer parte do boom da internet” (COELHO, 2003, p. 63). Hoje, é possível acompanhar quase que 24h de notícias voltadas a esporte. De acordo com Barbeiro e Rangel (2006, p. 91), o imediatismo das internet fez com que funções do jornalista esportivo se tornassem desnecessárias. “Com a chegada da internet e a convergência das mídias em que temos informações online até pelo celular, laptops e palma, fica inviável para o plantão ainda continuar com participações para avisar resultados”.

Marcelo Frange (2016, p.12), enumera as principais ferramentas para se construir uma reportagem no meio online. “Vídeos, imagens em movimentos (ou gifs), áudios, hyperlinks; tudo sem restrição na quantidade de palavras e com a possibilidade de edição após a publicação”. Informar os acontecimentos esportivos é de fato a missão diária de um jornalista, apesar da linguagem esportiva ser mais acessível, a seriedade da informação continua a mesma de outras editorias.

### **1.3 Os aspectos da cobertura jornalística esportiva**

O jornalismo esportivo muito se assemelha ao de outras editorias, mesmo que as vezes seja confundido com entretenimento. Quando feito com qualidade é provido de apuração profunda e técnicas próprias, como diz o Barbeiro e Rangel (2006). Constantemente envolto por emoção, tem de ser reinventado e hoje os profissionais que decidem se especializar encontram um cenário diferente. O jornalista esportivo é preparado para fazer bem mais que noticiar um placar ou acontecimento, é necessário aplicar emoção, técnicas e informação na medida certa para memorar os fatos. Por esses motivos a pauta é fundamental na construção de um produto. Apesar de ser semelhante ao de outras editorias, a pauta esportiva possui pontos diferentes das demais.

A reportagem esportiva possui aspectos diferentes de alguns setores do jornalismo, porque numa competição as personagens já são conhecidas previamente e o levantamento da pauta, por possuir

informações extras, auxilia o trabalho do repórter. Os dados são selecionados com tempo e cabe tanto ao pauteiro, quando o veículo dispor desse profissional, quanto ao repórter inserir informações adicionais durante a transmissão (MALULY, 2004, p. 86).

Segundo Barbeiro e Rangel (2006) é necessário alguns cuidados ao pautar um assunto, principalmente por serem fatos tão instantâneos. O jornalismo de qualidade é sempre precedido de uma boa apuração e a pauta esportiva deve seguir os mesmos critérios. Maluly (2004) também caracteriza a pauta jornalística situando as informações fundamentais para a construção da mesma.

A pauta possui elementos que são primordiais para o desenvolvimento da matéria como um histórico dos personagens envolvidos e do fato que está por acontecer. Nele, todos os aspectos devem ser desenvolvidos: os principais dados da vida pessoal e profissional dos personagens, os resultados anteriores dos clubes e dos atletas dentro daquela competição ou mesmo em eventos anteriores, os principais confrontos entre os competidores e os episódios que fizeram parte daquela disputa. O histórico da competição também é incluído, porque é dele que depende o interesse do público pelos clubes e pelos atletas, assim como as regras da competição, não só do esporte, mas também do próprio torneio (MALULY, 2004, p. 86).

Muito se pensa que a pauta do jornalismo esportivo é baseada na instantaneidade. Ela deve ser constituída como se fosse um roteiro para o jornalista. Nesse ponto a pauta se assemelha a das outras editorias, pois todo bom jornalismo deve ser antecedido de uma boa pauta. Barbeiro e Rangel (2006, p. 24-25) afirmam que para haver uma boa reportagem é preciso construir uma pauta, indicando o que escrever e quem entrevistar. “Quanto mais detalhada for, mais ajuda o trabalho do repórter e, portanto, colabora para uma boa matéria no fim do processo”. Os autores ainda afirmam que os bons repórteres não seguem a pauta à risca, deixando a criatividade colaborar com o roteiro.

O conhecimento prévio da maioria das informações dentro da pauta do jornalismo esportivo ajuda muito na hora de produzir uma reportagem, mas também por esse motivo pode acabar transformando a matéria apenas em um informativo de fatos. Coelho (2003) mostra que esse é um esforço contínuo, um esforço para tornar atrativas as matérias cujas informações já foram veiculadas. E esse é o diferencial que a pauta deve conter.

Criar a pauta inteligente uma vez não é o problema. A dificuldade consiste em convencer as redações de que esse é esforço definitivo. Que deve ser feito todos os dias, para que se leve a melhor sobre os notícias, listas de plantão, que julgam ser mais importante dar a notícia, mesmo que o leitor já tenha tomado conhecimento dela na véspera. Mesmo que ele vire a página sem sequer perceber que o dinheiro gasto no jornal, de manhã, foi extremamente mal aplicado. Mas não basta vencer os noticiaristas. É preciso disciplina para pensar na melhor para todos Para buscar um ângulo diferente para enxergar diariamente o os dias (COELHO, 2003, p. 80).

Uma boa pauta não surge do nada, é necessário um profissional para tal função. O pauteiro que é o responsável por produzir a pauta nem sempre é contratado exclusivamente para essa função, principalmente quando se trata do jornalismo esportivo. Geralmente fica a cargo de o repórter escolher e produzir suas próprias pautas. É dever de o pauteiro ser astuto e assertivo nos assuntos que serão escolhidos, principalmente para não entrar em repetição, buscar sempre novos olhares e formas de cobrir o cotidiano. Mesmo que tenha outras funções é necessário determinar um núcleo de pauteiros para acompanhar as pautas produzidas pelos repórteres, de acordo com Barbeiro e Rangel (2006).

Deve haver uma interação constante entre o pauteiro e o repórter, uma vez que este tem autonomia para derrubar uma proposta inexecutável, ou que tenha perdido o gancho e a oportunidade. Portanto, pautas não são teses prontas nem axiomas que se repetem sem ninguém perguntar por que. (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 28)

O esporte em seus eventos repetitivos acaba deixando o jornalista cair na rotina. Existe o problema de copiar a pauta de outros veículos, ou ainda de confundir a agenda de jogos com pautas. Barbeiro e Rangel (2006) ressaltam novamente que criar pauta esportiva é fugir do trivial. Eles expõem que tanto a tevê quando a rádio e o jornal impresso copiam pautas um dos outros. É preciso então que os jornalistas utilizem a criatividade, mesmo com os jogos todas as semanas.

Nesse momento que entra o diferencial de uma pauta bem feita, transformar o cotidiano em algo novo. Tomar outro olhar e se destacar em meio a tanta informação. Esse é o dever da pauta inteligente, mostrar o esporte por outro olhar. Ou seja, ter uma boa pauta mostra-se um exercício constante de criatividade. “É muito mais difícil entender que o desafio não é encontrar

uma única pauta criativa. É fazer do diário de esportes um exercício constante de criação. A única maneira de mostrar que o esporte é viável é mostrar que o jornalismo esportivo não é feito apenas por esporte” (COELHO, 2013, p. 121).

Estando com a pauta pronta, o profissional começa a cobertura de um evento esportivo. A cobertura tanto do jornal impresso, televisivo, radiofônico ou na internet tem suas próprias linguagens e modos de documentar o fato. Sérgio Noronha (2004, p. 72) afirma que o jornal impresso tende ao registro documental, comentando e opinando com maior intensidade do que cobrindo o factual. Já a televisão transmite um fato com intensidade que pouco tem a se dizer sobre o mesmo assunto em outros veículos de comunicação. Mas o autor apresenta um dos aspectos da cobertura radiofônica. “O rádio leva vantagem na cobertura, pois tem mais tempo e facilidade para entrevistar um número maior de pessoas, principalmente em outro estado, em alguns casos utilizando o celular”.

A cobertura esportiva também pode ser chamada de jornalismo de serviço de acordo com Barbeiro e Rangel (2006, p. 60-61). “Em jogos considerados clássicos, muitas emissoras de rádio e tevê destacam três repórteres para cobrir o evento. Um para cada time e um terceiro chamado popularmente como ‘repórter da galera’ que tem a missão de enxergar o que não ocorre dentro do campo ou da quadra”. Esse profissional se torna tão importante quanto aqueles que estão cobrindo de fato o jogo. Esse jornalista está atento a todos os fatos que podem ocorrer fora das quatro linhas.

O jornalismo de serviço no esporte busca inteirar o torcedor sobre toda e qualquer informação que seja relevante para que o espetáculo seja aproveitado da maneira mais confortável. Preços de ingresso, trânsito no dia do evento, horário de começo e término são algumas das informações essenciais que torcedor deve saber. Vejamos alguns exemplos de jornalismo de serviços na cobertura esportiva.

- Uma forma de prestação de serviço é anunciar se os sanitários do local estão em plenas condições de limpeza e funcionamento, e também se estão em número compatível com a capacidade de público. Não se esqueça, isso é um direito do torcedor.

- O torcedor deve saber se os produtos alimentícios comercializados no local de realização do evento esportivo estão com preços excessivos ou aumentaram sem justa causa.
- Para cada grupo de 10 mil torcedores deve haver um médico, dois enfermeiros e uma ambulância. Cheque se está tudo certo.
- Garantir ao torcedor o direito a uma competição organizada quanto aos regulamentos e a venda de ingressos,
- Cabe à entidade organizadora da competição contratar seguros pessoais para cada torcedor. O seguro será válido desde o momento em que o torcedor estiver dentro do estádio.
- Os estádios com capacidade superior a 20 mil pessoas devem ter câmeras de vídeo espalhadas pelo local e instaladas junto às catracas eletrônicas para controlar a entrada e saída de torcedores. As imagens servem para monitorar o público presente e ajudar na segurança do evento. ]
- • Todo local de prática esportiva deve assegurar acessibilidade ao torcedor portador de deficiência ou com mobilidade reduzida.
- O torcedor tem direito a frequentar os estádios de futebol com tranquilidade, devendo ser garantida sua segurança antes, durante e depois das partidas. Verifique a presença de "orientadores de público", responsáveis pela orientação aos torcedores dentro e fora dos estádios.
- Todo torcedor portador de ingresso tem o direito a um seguro de acidentes pessoais que será válido desde o momento em que ingressar no estádio.
- O Jornalista esportivo deve ter amplo conhecimento do Estatuto do "Torcedor", que visa a defesa e proteção dos torcedores (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 61-62).

Também podemos salientar que a cobertura jornalística requer além de fatos e dados, transmitir emoção. “A emoção de uma cobertura esportiva é inigualável, seja ela em qual dimensão. Sempre veremos o homem buscando a superação de uma marca ou de si próprio, o aprimoramento; haverá alegria e tristeza, frustração, euforia, idolatria. E não há como não se envolver” (BOCAGE, 2004, p. 66). O autor afirma que a cobertura jornalística de qualidade deve passar emoção a quem está acompanhando.

Coelho (2003, p. 23) também acredita que a cobertura esportiva precisa de mais elementos além do fato concreto. É preciso criatividade. Muitos jornalistas conhecidos da atualidade começaram na editoria esportiva. “Armando Nogueira foi jornalista esportivo antes de assumir a direção da Rede Globo. Alberico Souza Cruz e Evandro Carlos de Andrade também trabalharam com esportes”. A emoção sempre está presente. Muitos jornalistas torcem para algum time.

O ato de torcer também leva o jornalista a exercer a criatividade para construir matérias com grande emoção para o torcedor. “Exemplo é Juca

Kfourir, este, sim, caracterizado corintiano. Ele jamais comprometeu a isenção por causa da paixão clubista (COELHO, 2003, p. 58). O amor de torcedor não pode ultrapassar a cobertura esportiva. É preciso que cada profissional encontre sua linha tênue para separar o lado torcedor do profissional. A emoção pode render sim boas coberturas, mas essas devem ser igualitárias para todos os times, independente para quem se torce na vida pessoal. Entrevista, pesquisa e criatividade e emoção. Para que se faça uma boa cobertura jornalística, é preciso atenção aos detalhes.

O jornalista consegue explorar um contexto amplo na matéria, fugindo da cobertura simples e factual da competição. Uma disputa pode ser transformada em espetáculo, com personagens e histórias. Se um atleta foi personagem de um livro ou é semelhante ao protagonista ou mesmo quando uma história é parecida com a outra, a analogia enriquece de detalhes a reportagem. A cobertura é fundamentada com diversos referenciais. Além de auxiliar na criação do texto, as informações artísticas e culturais são também utilizadas como um dado novo na matéria, como é o caso da participação de um atleta em filme ou de uma personalidade ou de uma modalidade que esteja no conteúdo de um livro. A informação jornalística é sempre respeitada como um relato que acrescenta algo ao público (MALULY, 2004, p. 91).

Uma das ferramentas da cobertura esportiva é a entrevista de campo. Os detalhes dessa entrevista podem mostrar ao público a reação de um jogador ou de um técnico na partida. Ela extrai as informações dos personagens no momento dos acontecimentos.

As entrevistas feitas no local facilitam a fase de coleta de dados. O diálogo direto do repórter com os envolvidos amplia e ilustra o trabalho de reportagem por causa da proximidade com os personagens. Além disso, o repórter torna-se testemunha do fato, por estar presente no local. A entrevista de campo traz consigo a complexidade das relações na cobertura esportiva e na construção da notícia. Nada como sentir o ambiente, de estar cara a cara com o entrevistado, de observar o seu comportamento diante das questões que são colocadas na hora pelo entrevistador, que, ao perceber o momento crítico, coloca uma questão fora da pauta. A ruptura da comunicação interpessoal é um perigo para a própria profissão, pois elimina a complexidade da entrevista. O comunicador passa de sujeito para objeto (MALULY, 2004, p. 105).

É importante também evitar o sensacionalismo nas coberturas esportivas. De acordo com Maluly (2004), não é interessante que o torcedor prefira saber com detalhes de um fato da vida pessoal de um atleta do que seu desempenho esportivo em uma competição. É difícil não evidenciar um caso

sensacionalista no meio esportivo. A dificuldade acontece porque os bastidores de diversas modalidades esportivas mantêm fatos que extrapolam o lado esportivo e chegam à temática política.

De acordo com Barbeiro e Rangel (2006, p. 120), desde os primórdios da humanidade, o esporte “esteve muito perto dos interesses do Estado”. Desde as olimpíadas da Grécia, o poder mantinha relação com a política. Trazendo para o contexto atual, de acordo com os autores, no decorrer da história recente está a tentativa da interferência do Estado Nazista nas Olimpíadas de Berlim em 1936 e a Ditadura Brasileira de 1970 com a conquista da Copa do Mundo juntamente com a criação do Campeonato Brasileiro.

Para Coelho (2003, p. 23) nas organizações dos campeonatos do Brasil há alguma interferência política ou da federação estadual com a Comissão Brasileira de Futebol. Essa cobertura dos bastidores, “poderia valer o Prêmio Esso de cobertura política, em matéria também repleta de realidade”.

Mas a política exercida dentro do clube de futebol também pode ultrapassar as quatro linhas. Barbeiro e Rangel (2006, p. 120) afirmam que os “Presidentes de clubes e organizações esportivas, não raro, são eleitos deputados estaduais, federais e até mesmo senadores”. Um exemplo de tal fato é o Presidente do Corinthians Andrés Sanches. O primeiro mandato aconteceu de 2007 a 2012. Após sair da presidência, entrou na política e tornou-se deputado federal de São Paulo de 2015 a 2019. No triênio de 2018 a 2020 voltou à presidência do clube paulista.

Por causa dos bastidores políticos atrelados ao esporte, um jornalista investigativo atuando na área esportiva consegue informações exclusivas sobre crises no futebol. “Bom que haja alguém com boas noções de legislação, para entender, por exemplo, por que o Comitê Olímpico Brasileiro pode ou não repassar verbas para essa ou aquela confederação esportiva” (COELHO, 2003, p. 53).

As reportagens especiais podem surgir das observações mínimas de um repórter dentro de uma agremiação esportiva ou similar. De acordo com

Barbeiro e Rangel (2006, p. 27) “A política do esporte implica cobertura dos bastidores, antecipar decisões, procurar o que todo jornalista mais gosta, o furo, a informação inédita”. Grande parte dos bastidores jornalísticos são feitos por setoristas, que são jornalistas que acompanham exclusivamente determinado clube ou que se especializa em três ou quatro modalidades olímpicas, de acordo com Sérgio du Bocage (2004).

Vejamos um exemplo de furo jornalístico baseado nas informações de um setorista. O jornalista Maurício Noriega escreve seu relato no livro de Barbeiro e Rangel (2006) sobre a época que cobria as pautas do A Gazeta Esportiva em 1977. Na época, havia uma contratação sigilosa acontecendo entre o Palmeiras e o técnico Luiz Felipe Scolari. Em uma conversa que Noriega teve com o então presidente do Grêmio, Fábio Koff, o mesmo afirmou ao jornalista que uma possível contratação estava acontecendo e que os dirigentes do Grêmio também queriam contratar o técnico. O repórter ao saber da informação sigilosa, usou as técnicas de investigação jornalística para descobrir o furo jornalístico.

Ainda busquei algumas outras confirmações e as obtive. Koff, como dirigente influente do Grêmio, o presidente que tinha dado a chance a Felipão, estava se lamentando comigo: “É uma pena o Grêmio perder o Felipe para outro time brasileiro. O Grêmio hoje é uma ideia, e essa ideia é do Felipe”, choramingou. Agradei e disparei uma ligação para São Paulo, checando a informação com o setorista do Palmeiras à época, Marcelo Tieppo. Batemos a notícia com três ou quatro fontes e não havia erro: Felipão era técnico do Palmeiras. Cravamos a manchete, enquanto o concorrente deu uma entrevista boa, mas morna com Fábio Koff. Durante dois dias houve uma série de desmentidos, até mesmo do próprio Felipão, mas confiávamos nas nossas fontes e bancamos a história, embora sob ameaças da direção de redação à época. Em menos de uma semana, Luiz Felipe Scolari foi apresentado como técnico do Palmeiras e admitiu que havia mentido para esconder a negociação. Mas por sorte, aquela notícia caiu no meu colo e foi checada por um companheiro atento, num trabalho de equipe que rendeu um dos últimos grandes furos da fase final de A Gazeta Esportiva (BARBEIRO; RANGEL. 2006, p. 44-45).

A relação com a fonte dentro dos bastidores do esporte se torna um fator indiscutível. “(...) envolvidas de forma direta ou indireta na notícia são fontes de consulta para o repórter esportivo” (MALULY, 2004, p. 102). Em contrapartida, Coelho (2003) afirma que jornalistas que cobrem esportes tem dificuldade entre separar o relacionamento profissional com a amizade e Barbeiro e Rangel

(2006 p. 114) alertam para que o jornalista “(...) não permita que essa fonte leve vantagem. Nunca uma notícia será paga com um favor nas manchetes dos jornais, nos microfones ou em qualquer meio de comunicação”. E essas fontes podem ser jogadores, presidentes, membros de torcidas organizadas, faxineiros, técnicos e todos que estiverem ligados direta ou indiretamente na rotina se uma agremiação esportiva, inclusive colegas de profissão.

Numa cobertura jornalística, os profissionais de Imprensa tornam-se também fontes. O trabalho de alguns especialistas, mesmo de outros meios de comunicação, é benéfico para a captação de informações. Muitas vezes, os colegas de profissão apresentam um conhecimento maior sobre determinado assunto, seja este uma equipe, um atleta ou uma competição. A opinião deles torna-se necessária para complementar uma notícia. A preocupação do jornalista deve ser escolher um profissional que seja especialista no assunto e não apenas um amigo ou colega. As perguntas precisam ater-se somente ao tema da matéria. A intimidade e a discussão sobre jornalismo são então deixadas de lado, pois o tema é esporte e não o jornalista. A pauta deve ser conduzida com precisão, sem preservar nem ferir o colega, mas com clareza dos fatos. Não são dois colegas conversando sobre esportes, mas um diálogo entre dois profissionais sobre um tema esportivo (MALULY, 2004, p. 101).

O setorista não deve noticiar apenas fatos do esporte. Como fala Coelho (2004, p. 15) “(...) um bom jornalista de esportes é, antes de tudo, um bom jornalista”. A rotina de um jornalista esportivo requer que o profissional esteja sempre acompanhando o clube ou a agremiação esportiva, seja viajando pelo Brasil ou por outros países. Por estar sempre ligado aos bastidores, o jornalista deve atentar para as informações que podem virar notícia em qualquer lugar e a qualquer hora. Vejamos o relato do jornalista Marcelo Tieppo para Barbeiro e Rangel (2006).

Acompanhei o Corinthians, clube do qual eu era o setorista à época. Durante o tempo em que voava para o Paraguai, o general Oviedo aplicou o golpe militar no Paraguai e o avião em que estava foi o último a ter permissão para entrar no país. Depois, todos os voos foram despachados de volta para suas cidades de origem. Em resumo: eu era o único jornalista brasileiro presente no Paraguai em ebulição. O hotel em que estava hospedado ficava próximo ao centro dos acontecimentos naqueles dias, até mesmo com canhões circulando pela capital. Relatei os fatos para a Folha de Saulo e forneci informações a inúmeros outros veículos durante o período em que estive sozinho no Paraguai. Uma prova de que o jornalista precisa estar preparado para situações como esta. Embora especializado em esportes, eu tinha conhecimento e preparo para escrever sobre um golpe político em um país vizinho (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 24).

Mas os jornalistas que conseguem tal façanha são raros. “Quando as reportagens do mundo do esporte saem do campo específico, os jornalistas esportivos, salvo honrosas e boas exceções, somem. Não atuam, como se não lhes dissesse mais respeito” (BARBEIRO; RANGEL, 2006, p. 119). Os autores expõem que alguns profissionais se acomodam em trabalhar apenas com a cobertura dos jogos e suas ramificações setoristas como acompanhamento médico e treinos diários. “Ora, a mesma isenção, postura investigativa, independência, equilíbrio, boa-fé, exigidos dos jornalistas que cobrem outras áreas, devem ser cobrados dos jornalistas esportivos”.

Essa investigação jornalística que o repórter esportivo deve ter pode transformá-lo em um grande profissional. Grandes reportagens esportivas são elaboradas por diversos jornalistas. Elas podem ser veiculadas em jornais impressos, tevês, rádios, internet e até em livros-reportagem. Esses livros destinados à cobertura jornalística carregam consigo detalhes que as notícias factuais não são capazes de reunir. Por esse fator, acreditamos que um livro-reportagem sobre a caminhada do Manaus F.C para a conquista do acesso no Campeonato Brasileiro da Série C em 2019 pode se transformar em uma notória reportagem, além disso, um grande registro histórico para a história do futebol amazonense.

## 2. O LIVRO-REPORTAGEM COMO FERRAMENTA JORNALÍSTICA

### 2.1 O surgimento do livro-reportagem

De acordo com Eduardo Belo (2006, p. 20) não há uma data específica para o surgimento do livro-reportagem, porém o autor argumenta que “a reportagem em livro começou a ganhar força como subgênero da literatura na Europa, no século XIX”. Já Andréia Ternário Couto (2017) acrescenta que o jornalismo e a literatura tiveram relação primeiramente na França, naquele período.

Embora os autores expressem que o jornalismo literário nasceu na Europa, Edvaldo Pereira Lima, (2009, p. 174) nos lembra que escritores brasileiros adentraram na literatura de forma paralela ao jornalismo, naquele século. “Machado de Assis começa a vida profissional como aprendiz de tipógrafo e revisor de jornal, enquanto em paralelo vai edificando a carreira de escritor com seus primeiros versos e novelas”.

Enquanto Belo (2006) menciona que, naquele período, a distinção entre jornalismo e literatura ainda não era clara, Couto (2017, p. 93) explica que a profissão realizava a disseminação em “uma maneira de escrever que exprimia marcas literárias no texto”.

É importante ressaltar que no começo do século XX, na análise de Belo (2006), o jornalismo impresso havia se tornado um modelo de negócio nos Estados Unidos. “Não se pode esquecer que a prática do jornalismo no Brasil, pelo menos a do jornalismo gráfico, impresso, foi condicionada a assimilar diretrizes técnicas, no sentido operativo, estabelecidas em primeiro lugar nos Estados Unidos” (LIMA, 2009, p. 06). No país norte americano, desde essa época, a desigualdade entre ricos e pobres era evidente, e começara a ser evidenciada em periódicos.

Foi nesse cenário que o jornalista americano Jonh Reed deu início a uma das mais consistentes produções de reportagens em livro. Sem esconder a forte coloração ideológica, (à esquerda) de sua obra, títulos como México Rebelde (1914) e Dez dias que abalaram o mundo (1919), rapidamente transformaram Reed em uma celebridade das letras. Mesmo com as esparsas pitadas de romance literário com ares de ficção - ou, talvez por isso mesmo -, sua

narrativa rica em detalhes e dramaticamente chamou a atenção dos críticos, do público e da mídia (BELO, 2006, p. 23).

Na mesma época das publicações de Reed, surge a Primeira Guerra Mundial, (1914-1918). Jornalistas de todo o mundo eram enviados para cobrir a guerra. O intuito era informar a população o que ocorria, mas “(...) a imprensa estava muito presa aos fatos, ao relato das ocorrências, mas era incapaz de costurar uma ligação entre eles, de modo a revelar ao leitor o sentido e o rumo dos acontecimentos” (LIMA, 2009, p. 19). Essa dificuldade transformou-se em oportunidade para o jornalismo em livro, quando a Segunda Guerra Mundial teve início (1939-1945).

Belo (2006, p. 24) coloca que a Segunda Guerra Mundial serviu como impulsionador na propagação do livro-reportagem no mundo. Jornais de todo o planeta enviavam correspondentes para cobrir histórias na época. Os jornalistas mandados por periódicos brasileiros, Rubem Braga do Diário Carioca e Joel Silveira dos Diários Associados de Assis Chateaubriand escreveram grandes obras. “Braga escreveu Com a FEB na Itália (edição de 1945, esgotada) e Silveira, O inverno na guerra”.

Já Couto (2017), promove um cenário dos estágios finais a Segunda Guerra Mundial, onde o escritor estadunidense John Hershey vai ao Japão para escrever o livro-reportagem Hiroshima, 1947, que trouxe à tona, relatos de testemunhas sobreviventes a bomba na cidade de Hiroshima, no Japão, dois anos antes, em 1945.

Porém, de acordo com Belo (2006), com a imprensa estadunidense se tornando modelo de jornalismo para o mundo, a mesma passa a se afastar do jornalismo literário, e aposta em um modelo que atinge um público amplo. Os padrões de objetividade e linguagem começaram a ser adotados pelos periódicos, a fim de atingir o máximo de leitores, independentemente de sua classe social. Essa ação, acabou inspirando o padrão jornalístico da pirâmide invertida e do lead. O jornalismo literário passa a ser esquecido na imprensa estadunidense e conseqüentemente, pelos adeptos desse modelo, como o Brasil.

Com o avanço tecnológico das empresas de comunicação, as matérias de 'grande fôlego' estamparam novamente jornais e revistas, reaproximando o jornalismo da literatura. Essas matérias de 'grande folego' seriam as reportagens, que, para Lima, (2009), não obedeciam às regras do lead e da pirâmide invertida, e tinham como intuito, oferecer ao autor, o direito de se libertar das regras e ampliar o relato simples para uma abordagem mais detalhada dos fatos. Essa nova fase da escrita cria a expressão New Journalism, nascida nos Estados Unidos, por volta de 1960.

Na década de 1960, os Estados Unidos viviam um eferescente processo de transformação social, comportamental e no plano das artes, cujo contexto maior poderia ser classificado em termos do movimento hippie, ou da contracultura em ebulição que procurava encontrar uma alternativa para os padrões convencionais do American Way of Life. A juventude questionava os valores estabelecidos, experimentava opções ousadas de vida — liberação sexual, comunidades, famílias "tribais" e não-nucleares, drogas, alimentação natural, filosofia e misticismo orientais, rejeição do serviço militar obrigatório —, desencadeava novas formas de expressão no cinema — o underground, que negava a fórmula de entretenimento de Hollywood —, nas artes plásticas — como simbolizava Andy Warhol com sua lata de sopa Campbell —, na música. Pode-se dizer, por testemunho pessoal — este autor viveu nos Estados Unidos em 1969, ano em que a fase áurea da contracultura se encerra com a realização do festival de música de Woodstock —, que, subjacente às variadas motivações e diversificadas forças do movimento contra cultural, residia pelo menos um ponto em comum: a exacerbação da sensualidade — como percepção do mundo —, do sensório. Parecia haver uma queda súbita de todas as barreiras inibidoras estabelecidas há tempos pelo vitorianismo e sua moral castradora. Sentir, perceber, emocionar, usar o potencial sensório do corpo era a ordem dos novos tempos. Quando o new journalism esboça-se, ramo desse contexto comum, a sua forma de captação do real vai se caracterizar também por esse mergulho de cabeça no sensual, no sensório, não só para acompanhar a revolução que toma conta dos setores mais liberais do país como também para recriar e reproduzir o que se passa em setores não tão vanguardeiros assim da sociedade norte-americana (LIMA, 2009, p. 122).

Belo (2006, p. 25) define o New Journalism como uma técnica de narração de fatos utilizando recursos da literatura. "Enfim, era uma espécie de "voto do protesto" contra a ditadura do lead e da pirâmide invertida. Já Couto (2017, p. 98) coloca, em seu ponto de vista, que o New Journalism "permitia que os jornalistas mergulhassem em seus campos de pesquisa, e que praticamente se transformassem em mais um personagem da história que o perseguiram".

Esse New Journalism era encontrado, com maior frequência em periódicos que dispunham de amplo espaço em jornais e revistas dos anos 60. Como as pessoas apreciavam ler histórias humanas, escrever séries de reportagens, transformava involuntariamente, narrativas em livros. A ideia desenvolveu-se

de forma natural, para registrar fatos que a sociedade fazia questão de ler e guardar. Belo (2006), Couto (2017), e Lima (2009) concordam, que um dos maiores livros da época do New Journalism foi *A Sangue Frio*, escrito por Truman Capote, e publicado pelo *The New Yorker*, em 1965, que conta a história de uma chacina ocorrida no interior do Kansas, nos EUA.

Em se tratando do Brasil, o jornalismo com característica literária, como explica Belo (2006) pôde ser encontrado primeiramente na revista *O Cruzeiro*. Esse periódico, de acordo com Lima (2009), foi fundado em 1928, e alcançou auge dos anos 1950 para a década de 60. Em 1940, a mesma começa a investir em grandes reportagens. Essas eram de caráter duvidoso, pois sua melhor dupla jornalística, o fotógrafo francês Jean Mazon e o repórter David Nasser não respeitavam a ética jornalística para obter informações.

Nasser e Mazon eram mestres em utilizar-se de subterfúgios para obter 'informações' com que construíram suas reportagens. Forjavam entrevistas, adulteravam o conteúdo de apuração. Abusavam da boa-fé de gente humilde. (...) Os inúmeros métodos duvidosos empregados por Nasser estão revelados em detalhes no livro-reportagem *Cobras Criados: a história de David Nasser e O Cruzeiro*, de Luiz Maklouf de Carvalho (BELO, 2006, p. 30).

De acordo com Couto (2017), na década de 60, o estilo de escrever dos jornalistas passou por mudanças. Os profissionais presavam por maior liberdade estilística nas escritas dos textos, pois, o objetivo era passar para seus leitores, uma linguagem mais intensa, que anteriormente, o texto jornalístico não conseguiria transmitir.

Passando por essa mudança, Belo (2006) evidencia que a população começou a se habituar na leitura de reportagens em livros no final do século XX. Porém, o maior livro-reportagem brasileiro publicado até hoje é *Os Sertões*, de Euclides Cunha, publicado em 1897 como uma série de relatos pelo jornal *O Estado de S. Paulo* e que em 1902 ganha sua primeira edição de livro. O documento relata a Guerra de Canudos, ocorrida na Bahia, de 1896 a 1897.

A busca das raízes das forças desencadeadoras de Canudos, em Euclides, tinha um objetivo mais elevado do que apenas entendê-lo. O panorama de fundo com o qual o autor está preocupado é com o país em formação, sua nacionalidade, sua identidade. Euclides quer penetrar na sua descoberta de mundo e não mede esforços para

transformar seus próprios instrumentos de entendimento do real e rejeitá-los, se a constatação de campo provar-se incompatível com o arcabouço teórico que lhe balizara os primeiros enfoques daquela realidade complexa. Avighi revela como as reportagens se vão transformando, à medida que o contato com a realidade é mais forte do que as bases da visão prévia do gabinete. Perdendo o tom patriótico inicial Euclides da Cunha é o antecessor, o protótipo da figura que vai ser decisiva no futuro para o amadurecimento do jornalismo de profundidade como reportagem (LIMA, 2009, p. 214).

Voltando ao final o século XX, Belo (2006), analisa que a população reivindicava pelo aprofundamento de informações, pois as notícias através dos jornais diários não eram suficientes para relatar o que se acontecia no Brasil e no mundo. Nesses anos, com os eventos da Ditadura Militar e da abertura política, novas histórias profundamente apuradas, necessitavam ser escritas. Havia cenário histórico e interesse da população. Porém, as inúmeras tentativas de estabilização monetária e a diminuição do espaço editorial de jornais e revistas brasileiras, causaram um desgaste na produção e publicação de livros-reportagem.

Bem ou mal, a economia brasileira se recuperou depois do Plano Real. Jornais e revistas, não. Endividados, com uma série de investimentos no próprio produto e em outras áreas fora de seus núcleos de negócios, e vendo parte da receita publicitária escapar em direção às novas mídias, os veículos impressos enfrentaram uma crise sem precedentes desde a década de 1990, especialmente nos dez anos entre 1995 a 2004 (BELO, 2006, p. 34).

Essas novas mídias descritas por Belo podem ser melhores exemplificadas por Lima (2009, p. 414), quando ele afirma que o a grande reportagem e o jornalismo literário haviam desaparecido dos jornais, pois, ou os profissionais começaram a trabalhar novamente com o modelo tradicional, ou estavam em televisões e assessorias de imprensa. “O modelo jornalístico da vez era o da Folha de S. Paulo, com seu manual de redação ditando textos curtos, impessoais, excessivo apelo aos números, e pouca sensibilidade para os aspectos menos tangíveis da realidade”.

Não foram somente os manuais jornalísticos das grandes empresas que se tornaram obstáculos para a disseminação do livro-reportagem. A popularização da internet proporcionou que leitores migrassem do papel para o digital. As empresas de comunicação daquela época tentaram se adaptar à nova tecnologia. A maioria não conseguiu se manter.

A situação se agravou de vez com o chamado "estouro da bolha" da internet - o fim melancólico, em 2001, de muitas empresas digitais, da internet estavam várias empresas de comunicação da "nova economia multiplicadas em ritmo vertiginoso a partir de 1998. Entre os naufragos e outras tantas da "velha", que haviam aderido à onda das ponto com em meados da década de 1990, por modismo ou pela crença que ela seria a salvação para a crise. Sem desenvolver produtos capazes de gerar receita consistente com a internet, essas empresas perderam dos dois lados, na nova e na velha mídia. Perderam o dinheiro empregado na aventura digital e também viram o faturamento dos produtos tradicionais cair (BELO, 2006, p. 33).

Aos poucos, como Lima (2009) retrata, as empresas jornalísticas se adaptaram ao seguimento da Internet. Os americanos conseguiram, com a ferramenta, criar versões online de seus jornais, produzir conteúdo exclusivo para esse meio, adicionar imagens, áudios, e diversos recursos para atrair o público. As ações estadunidenses, conseqüentemente serviram de inspiração para que o jornalismo brasileiro também fizesse sua adaptação do impresso para o online.

Lima (2009) também nos faz lembrar que o Brasil, através da Academia Brasileira de Jornalismo Literário (ABJL) teve papel importante na valorização do livro-reportagem no país em 2007, exercitando o movimento espontâneo da revalorização da narrativa da realidade. Naquele ano, Eliana Brum ganhou o Prêmio Jabuti com o seu livro-reportagem *A vida que ninguém vê*. Em 2008 Caco Barcelos publica *Abusado: o dono do morro Dona Marta*.

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela internet quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. (...) É então que o livro-reportagem continua desempenhando um papel importante como canal de veiculação de histórias da vida real (LIMA, 2009, p. 9-10).

Por fim, Couto (2017), em seu manual de livro-reportagem, lista uma série de benefícios, ao acadêmico, ao escolher um trabalho de conclusão de curso tendo como produto final, um livro-reportagem. São eles: colocar em prática as técnicas aprendidas durante o curso, como redação de textos jornalísticos, técnicas de captação jornalística, jornal laboratório etc.; portfólio para mídia impressa; desafiar os acadêmicos as adversidades para obter censo de capacidade.

É a partir do incentivo dentro da universidade, que novos jornalistas passam a desenvolver a grande reportagem literária, em formato de livro, estimulando cada vez mais, a produção do gênero. Mas, para que o projeto possa ser iniciado, é preciso entender que tipos de livros-reportagem existem e conhecer os clássicos escritos por jornalistas brasileiros e do exterior.

## **2.2 Tipos de livro-reportagem**

O livro-reportagem como já foi abordado anteriormente, é um gênero literário jornalístico, e assim como outras categorias de escrita, também possui uma classificação dentro do próprio gênero, ou seja, tipos de livro-reportagem. Contudo, de acordo com Belo (2006) não existe um consenso geral e definido sobre a classificação desses gêneros.

Já Lima (2009) propõe uma classificação mais profunda e definida. Ele escreve que essa qualificação pode ocorrer de acordo com a temática do livro e seu objetivo particular. Ao fazer isso, ele facilita a definição dos tipos de livros-reportagem, evidenciando ao leitor, 13 categorias, sendo estas: livro-reportagem perfil; livro reportagem depoimento; livro-reportagem história; livro-reportagem ambiente; livro reportagem ciência; livro-reportagem viagem; Livro-reportagem ensaio; livro reportagem antologia; livro-reportagem instantâneo; livro-reportagem denúncia; livro reportagem nova consciência; livro-reportagem retrato; livro-reportagem atualidade.

O Livro-reportagem perfil, deixa em evidencia o lado humano. Lima (2009, p. 51), diz que “trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse”. Belo (2006), complementa essa definição quando afirma que esse subgênero é um dos mais populares, principalmente pelo desejo natural dos seres humanos em saber dos acontecimentos de pessoas que atingiram a notoriedade de alguma forma, sendo ela positiva ou não. Nomes como Fernando Morais e Rui Castro que já são referências na área.

Um exemplo de livro-reportagem perfil é descrito por Belo (2006, p. 64), ao lembrar a carreira do escritor Ruy Castro. “Com o lançamento de

Carmem, uma biografia, sobre a cantora Carmem Miranda, no final de 2005, Ruy Castro computava a autoria de vinte obras”.

O livro-reportagem depoimento, de acordo com Lima (2009, p.52) geralmente é escrito em action-story, e tem como objetivo, contar os acontecimentos escritos pelo protagonista da história, podendo ser redigido com a ajuda de profissionais da comunicação, como, jornalistas e assessores. Ele também pode mostrar os bastidores de um acontecimento. “Exemplo de obra escrita pelo próprio protagonista (...) O Fogo Sagrado, publicado pela Artenova em 1975, em que o astronauta Michael Collins narra a realização do primeiro voo tripulado que pousou na Lua”.

Livro-reportagem história, como elucidada Lima (2009) trabalha com questões temporais, acontecimentos ou fatos que podem ser recentes ou do passado. Uma característica forte é a presença de um elemento que liga a história com o presente, criando uma conexão com o leitor e o tempo atual. Existe ainda uma outra vertente deste tipo de livro, o livro-reportagem epopeia. Ele é feito a partir dos maiores acontecimentos de relevância social.

Como grande exemplo dessa natureza, temos aquele que é considerado um dos grandes livros do século XX, Hiroshima, de John Hersey. Tendo como plano de fundo um contexto histórico, o autor narra o drama vivido por sobreviventes da bomba jogada sobre a cidade de Hiroshima e catástrofe que ocorre a seguir (COUTO, 2017, p.53).

Lima (2009) explica que o livro-reportagem ambiente tem como foco temas ambientalistas e causas ecológicas, sendo tratada de forma crítica e com o objetivo de conscientizar sobre a importância dos temas. Exemplo desse tipo de abordagem é o livro Uma história de conservação: A Mata Atlântica e o mico-leão-dourado, (2019), da jornalista e escritora Cristina Serra, que retrata o cenário do animal e as lutas para a sua preservação.

Livro-reportagem ciência tem o objetivo de divulgação científica, que pode ser escrito em tom de crítica ou reflexão, como evidencia Lima (2009). “No caso brasileiro, um exemplo nessa linha é Antártida, de Luiz Oscar Matzenbacher, lançado pela L&PM em 1986.” (LIMA, 2009, p.53)

Livro-reportagem viagem, tem como tema, conforme Lima (2009), viagens a regiões geográficas delimitadas sob a ótica de mostrar a sociedade, história e aspectos humanos dessas regiões. Ele se distingue por possuir pesquisa, coleta de dados e profissionalismo ao relatar os acontecimentos. Esses fatos são retratados ao decorrer do livro por meio do olhar jornalístico e seus campos atuantes. Um exemplo deste livro é *Expedições urbanas: Jerusalém*, (2012) do jornalista Airton Ortiz, que explora os pontos turísticos de uma das cidades mais antigas do mundo.

Para Lima (2009) livro-reportagem ensaio, tem como marca forte as opiniões do autor sobre o tema a fim de induzir o leitor a partilhar dos mesmos pontos de vista. A escrita desse tipo de texto usa o modo narrativo na primeira pessoa com frequência e a função expressiva da linguagem.

Já no século XX John Reed saiu dos Estados Unidos duas vezes para escrever sobre revoluções: (...) Reed deu ao mundo seu testemunho ocular da Revolução, com o livro *Os dez dias que abalaram o mundo*. Muito da emoção e da convicção do autor – Reed era comunista assumido – aparece nas páginas desses dois livros, em que a paixão pelo movimento e a inclinação às causas sociais extrapolam o que deveria ser a ‘objetividade jornalística’. Ganhamos nós, leitores (COUTO, 2017, p. 94).

Livro-reportagem antologia, tem como função, na explicação de Lima (2009), agrupar reportagens já publicadas. Elas são escolhidas de acordo com diferentes circunstâncias, mas com o mesmo tema ou gênero. *Movido a Gasolina: As melhores reportagens e bastidores inéditos dos 20 anos de carreira do apresentador do Acelerado* (2020), escrito pelo jornalista Cassio Cortes, é um exemplo da exemplificação de livro-reportagem.

Livro-reportagem instantâneo ou livro flash, como classifica Lima (2009) é escrito a partir de conclusões já visíveis sobre determinados fatos. Apesar de ter uma conotação à primeira vista superficial por parecer que é escrito de forma rápida, esse tipo de livro-reportagem é profundo e especializado em mostrar as finalidades identificadas o quanto antes. Vejamos um exemplo de tal descrição do livro-reportagem *A Ilha*, de Fernando Moraes.

Nos anos 1969, em plena guerra fria, visitou Cuba e entrevistou Fidel Castro. Em um momento no qual ninguém do mundo ocidental conseguia tal façanha, e havia uma curiosidade imensa a respeito da

ilha. Assim que voltou de viagem, publicou o livro, imediatamente recebeu várias propostas para ter a obra traduzida em vários idiomas (COUTO, 2017, p. 167).

Na classificação de Lima (2009), livro-reportagem denúncia, como o próprio nome já diz, tem como enfoque denúncias, podendo ser estas: injustiças, abusos de entidades, desmandos de governo ou que tenham um apelo escandaloso. Ver se acha no belo uma situação.

No Brasil, de acordo com Belo (2006, p. 54), os anos finais da Ditadura Militar e primeiros anos da volta do poder civil, renderem bons livros-reportagem desse tipo “(...) como O complô que elegeu Tancredo, realizado a oito mãos, por Ricardo Noblat, José Negreiros, Roberto Lopes e Gilberto Dimenstein (1985), e República dos Padrinhos, de Dimenstein (1998)”.

Livro-reportagem nova consciência tem como temática, na definição de Lima (2009), “as novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas”. Ele surgiu a partir de dois movimentos, à contracultura e a aproximação cultural das civilizações do Oriente Médio e Asiáticos.

Porém, de acordo com a descrição do autor, podemos aqui, classificar Os Sertões (1902) de Euclides Cunha, como livro-reportagem desse gênero, por, de acordo com Couto (2009, p. 94) “Na literatura é conhecido como um dos precursores do modernismo; como texto literário, explorou como poucos, com uma linguagem rica e pomposa, os aspectos da terra e do povo de Canudos”.

O Livro-reportagem retrato, tem características parecidas às do livro-reportagem perfil, como afirma Lima (2009), o que diferencia é o fato de não focar na figura humana e de ter um cunho mais educativo com o enfoque em questões mais segmentadas a fim de elucidar os fatos. Lima (2009, p.53) cita o seguinte exemplo “Ilustra essa linha Airport international, de Brian Moynahan,<sup>70</sup> que escolhe abordar o aeroporto londrino de Heathrow para mostrar os bastidores de um grande aeroporto internacional”.

Livro-reportagem atualidade trata-se de temáticas atuais, contudo aborda os de mais durabilidade e com conclusões desconhecidas, possibilitando ao leitor retomar e perceber o percorrer dos acontecimentos presentes de forma

mais profunda, como desenvolve Lima (2009). Podemos destacar aqui, o livro-reportagem *Tormenta: O governo Bolsonaro: crises, intrigas e segredos*, (2020) da escritora Thaís Oyama, que retrata o primeiro ano de governo do atual presidente do Brasil.

Os tipos de classificação de livros-reportagem nunca podem ser considerados como algo acabado, pois sempre existirá a possibilidade da criação de novas variedades, sendo estas pautadas principalmente pela criatividade. E a classificação não deve ser como um padrão a se seguir, pois as mesmas podem se mesclar ou combinar-se para a melhora do produto. “Na prática é possível que títulos se enquadrem simultaneamente em mais de uma classificação. As modalidades mesclam-se, combinam-se, muitas vezes. (LIMA, 2009, p.59).

Dentro das definições do gênero acima descritas, os tipos escolhidos para serem desenvolvidos como produto de Trabalho de Conclusão de Curso, serão o livro-reportagem flash juntamente com o livro-reportagem história, por se tratar de descrever uma parte da história recente do clube de futebol Manaus F.C, do qual um ciclo de eventos já fora finalizado. Para que este livro-reportagem possa ser desenvolvido, é preciso primeiramente, entender qual é a estrutura de um livro-reportagem, entender que elementos ele precisa ter para ser classificado como tal.

### **2.3 Estrutura do livro-reportagem**

Para a produção de um livro-reportagem é necessário organização e planejamento. Nos tópicos anteriores falamos da história e dos gêneros desse produto jornalístico. Agora vamos abordar a estrutura, onde e como cada processo se encaixa para compor o material escolhido. Como transformar informações em um livro-reportagem será a base deste tópico.

Belo (2006) aborda que, para se escrever um livro-reportagem, é fundamental ter domínio, conhecimento variado e aprofundado sobre vários assuntos. Também é fundamental que o jornalista continue a se aprimorar, fazendo as mais diversas construções de intelecto, bem como: ler, fazer cursos, e ter um constante desejo de aprender.

O jornalismo, como segmento da comunicação de massa, exerce a função aparente de informar, explicar e orientar. As funções subjacentes são muitas, variadas, incluindo-se no rol a função econômica, a ideológica, a educativa, a social, entre outras. Mas o que diferencia de fato o jornalismo de outras atividades é o desempenho da tarefa informativa e orientativa (LIMA, 2007, p.11).

Couto (2017, p. 75), aponta que o primeiro passo para a elaboração de um livro-reportagem é a pauta. “(...) ela tem que seguir todos os critérios jornalísticos, da mesma forma que os segue a escrever uma reportagem, uma matéria, quais sejam: captação e suas técnicas, seleção do que se vai abordar, a pesquisa, as fontes, checagem de dados, a redação e por fim, a edição”. Quando há a má administração da pauta, a mesma “(...) conduz a matéria a terrenos pouco férteis” (LIMA, 2009, p. 68). Belo (2006) também concorda com a importância da elaboração, mas alerta ao jornalista para não se prender a ela, pois na escrita de uma reportagem sempre há uma brecha para uma surpresa proveniente da apuração. Caso não haja o elemento inesperado, o livro pode se tornar sem vida, burocrático.

A reportagem em geral nasce da pauta- e com o livro-reportagem não é diferente. A pauta no livro, pelas características do veículo, tornou-se bem distinta do modelo que se pratica hoje na maioria dos jornais. Ela precisa ser mais detalhada, de modo a permitir uma antevisão do que será o produto final, precisa prever os caminhos que a apuração tem de ser e antecipar, pelo menos em parte, o resultado final. (BELO, 2006, p. 75)

Após a construção de uma pauta, o próximo passo é realizar o projeto do conteúdo que será abordado. Para Belo (2006, p. 79) “um bom planejamento começa com uma pesquisa preliminar que assegure um conhecimento mínimo, porém sólido, do assunto. Essa pesquisa irá tornar-se, depois, mais extensa e acurada para sustentar a apuração do tema e a montagem do texto”.

- Tenho à disposição a quantidade de fontes necessárias para entrevistar?
  - Tenho fontes teóricas para consultar?
  - Tenho condições financeiras para a realizar meu projeto?
  - Tenho condições reais de desenvolver esse trabalho?
  - Tenho tempo para desenvolver o projeto e concretizar o livro?
- (COUTO, 2017, p. 30)

Após todos esses questionamentos, se todas as respostas forem afirmativas, é hora de elaborar o projeto. Tanto Couto (2017) quanto Belo (2006) explicam que uma das melhores formas de realizar o plano de projeto, é

criar um cronograma de atividades/tempo e um plano de orçamento. Esse cronograma deve conter elementos que evidenciam quando cada etapa dos processos será colocada em prática.

Agora, em se tratando do cronograma de orçamento, Belo (2006) acredita que o escritor deve se basear na pesquisa inicial para prever estimativas de gastos e imprevistos. “Uma reportagem pode sair caro (...) Implica telefonemas, deslocamentos, gastos com pesquisa, - muitas delas pagas – viagens, passagens, diárias de hotel, etc” (BELO, 2006, p. 81).

Logo após estar ciente do tempo e dos gastos com o livro-reportagem, é iniciada o processo da procura pela publicação. Belo (2006), chama atenção para dois aspectos da apresentação do livro-reportagem para o possível comprador. Primeiramente, é preciso ter cuidado na hora de explicar o plano de trabalho para que o livro não seja apresentado as editorias de forma fantasiosa ou equivocada do conteúdo. O segundo aspecto é buscar uma editora que seja compatível com a temática do livro, assim, facilitando a futura publicação.

Depois da organização estrutural e financeira, é hora de iniciar o processo de apuração. Ele será o esqueleto do nosso texto e parte fundamental do livro. Lima, (2009, p. 88), exemplifica que o processo de captação de conteúdo se dá “por via da pesquisa de material registrado — livros, matérias de imprensa, gravações em fitas cassete, sonoras ou audiovisuais, documentos etc. —, de entrevistas, pesquisas de tipo sociométrico e observações”. Belo (2006) nos lembra que uma boa apuração materializa a veracidade das informações contidas no livro.

Não raro, pequenas falhas comprometem a credibilidade de toda a obra. Ao se deparar com um pequeno equívoco, uma fonte ou mesmo um leitor que tenha conhecimento parcial do tema, em geral coloca todo o trabalho sob suspensão- inclusive informações corretas que desconhecia (BELO, 2006, p. 89).

Segundo Couto (2017), essa apuração pode ser feita de duas formas: a primeira delas, com informações preliminares sobre o tema, e posteriormente, com os dados secundários, que já foram coletados e publicados. Belo (2006) já analisa que essa apuração ocorre na forma de pesquisa sobre o tema. É a

partir da pesquisa que o jornalista irá apurar as informações básicas e as ideias para as entrevistas.

Uma das primeiras ferramentas de pesquisa é a documental. Segundo Lima (2009, p. 103), a pesquisa documental se encaixa “no sentido da coleta, exame, classificação e uso de dados registrados disponíveis na sociedade moderna, em seus mais diversos meios”. Esses meios podem ser jornais televisivos, impressos, radiofônicos, revistas, documentos oficiais, atas, vídeos etc.

Não podemos nos esquecer que uma das maiores ferramentas de apuração para o livro-reportagem é a entrevista. Ela tem o papel de modelar o conteúdo do livro. Colocar em prática essa parte exige conhecimento prévio e o mínimo de domínio sobre o tema que será abordado. O jornalista deve conseguir com o entrevistado, profundidade nas informações, para que o conteúdo colhido seja útil para o texto do livro, como diz Couto (2017).

Porque essa compreensão pressupõe, no seu aspecto de humanização, um diálogo interativo entre entrevistador e entrevistado. Ou seja, uma interação humana entre o receptor e o personagem dos acontecimentos e das situações, intermediada pelo jornalista, que naquela circunstância do diálogo é um representante do público, um embaixador da audiência. Seu papel, quando bem-sucedido, é o de tanto criar identificação e projeção quanto o de estabelecer um distanciamento crítico consciente, vívido. Em outras palavras, sua missão é estimular, criar um clima autêntico de conexão entre entrevistado e receptor. É auxiliar a compreensão real, mas também colocar a dose adequada de emoção, sem a qual nenhum ato comunica na dimensão humana o que o jornalismo pretende (LIMA, 2009, p. 89-90).

Belo (2006), dá dicas de como entrevistar uma pessoa. Primeiramente ter um roteiro com perguntas e informações norteará o andamento da conversa. Segundo, é interessante que o entrevistador antecipe as próximas perguntas de acordo com as repostas do entrevistado. Por último, é preciso que o entrevistador haja com ética, diante das informações coletadas. “O jornalista que dialogar com a fonte sem um mínimo de conhecimento sobre o assunto em pauta, por mais criativo e inteligente que seja, não terá muitas perguntas a fazer ou no mínimo deixara de explorar aspectos interessantes e de profundidade” (BELO, 2006, p. 101).

Além dessas técnicas, Couto (2017), não nos deixa esquecer que dentro das entrevistas o jornalista pode utilizar as técnicas de história de vida e de observação participante. Na primeira, o entrevistado toma a palavra e narra os fatos de sua maneira, dando seu próprio ponto de vista sobre o acontecimento. Na segunda, além do entrevistado narrar os fatos, o escritor compartilha, de forma discreta, os momentos sobre o qual quer escrever, para assim, criar um laço com o entrevistado. Nesses casos, as técnicas são recomendadas para serem utilizadas quando o livro-reportagem tem o caráter humanizado, com foco nos personagens e nas experiências vividas por eles.

Após toda a coleta de dados, chegou a hora de redigir a história. É preciso pensar em como escrever a narrativa de forma sucinta. “Narrativa, aqui, entendida como o relato de um conjunto de acontecimentos dotados de sequência, que capta, envolve o leitor, conduzindo-o para um novo patamar de compreensão do mundo que o rodeia” (LIMA, 2009, p. 138).

Belo (2006, p. 118) diz que “(...) escrever uma reportagem não é enumerar fatos mecanicamente, mas sim dar vida a uma história real”. Essa afirmação mostra que um dos pontos fundamentais do texto do livro-reportagem é fazer o leitor perceber vida nos acontecimentos que serão relatados, não somente repassar meras informações. O autor enumera as seguintes características para a escrita do texto: reconstrução minuciosa dos fatos, descrição cena a cena, reconstrução de ambientes e épocas, evitar menção constante de fontes, reproduzir diálogos com o máximo de exatidão, evitar passagens abruptas de um assunto para o outro, se preocupar ao delimitar fenômenos no tempo e no espaço e repassar o entendimento cristalino sobre determinados assuntos de difícil compreensão.

Depois das questões de escrita, a personalidade que o escritor narra os fatos se torna uma espécie de assinatura dentro do texto, “Não existem receitas de como escrever uma reportagem. Ou melhor até existem, mas servem apenas como alternativas no meio de uma gama imensa de possibilidades” (BELO 2006 p. 120).

Não podemos deixar de mencionar também a elaboração do título e da capa do livro-reportagem. Eles serão a porta de entrada para que o leitor queira o ler. Couto (2017) diz que o título é a face do conteúdo do livro. A autora afirma que, na sua construção, deve existir um pouco do que será abordado e ser uma espécie de marca com o objetivo de ser lembrado.

Após todos os processos mencionados desde apuração até a escrita do texto, o projeto deve passar pela edição ortográfica. Belo (2006) aponta que o material passa por revisores que irão encontrar erros que o autor não enxergou durante a redação. Há também a inserção de elementos gráficos e imagens por diagramadores para compor o conteúdo.

Segundo Couto (2017, p. 159) “Além do ‘recheio’ ou do conteúdo principal, o livro compõe-se daquilo que chama de elementos pré-textuais e elementos pós-textuais”. Os elementos pré-textuais são capa, página de rosto, dados catalográficos, sumário, lista de tabelas e o que mais for necessário. Já os elementos pós-textuais são as referências bibliográficas, apêndices, anexos, posfácio, etc.

Como o texto é de responsabilidade de quem o escreveu, a prova final – última revisão feita, em geral no papel já com a forma definitiva – em geral é entregue ao autor, que, assim, tem uma ideia de como ficará seu livro - agora sim, finalmente, próximo de ser tornar realidade (BELO, 2006, p. 125).

Como já abordamos a história do livro-reportagem, seus gêneros como escrevê-los, dentro do tópico 2 deste material, as escritoras estão aptas, neste momento, a iniciar a produção do livro-reportagem sobre o acesso do time de futebol Manaus F.C a terceira divisão do Campeonato Brasileiro, em 2019. Devemos colocar em prática, todos os conhecimentos até aqui adquiridos, para produzir um produto jornalístico nos moldes de um livro-reportagem.

## RELATÓRIO TÉCNICO

No dia 20 de julho de 2019, o Manaus Futebol Clube conquistava pela primeira vez em sua história, o acesso ao Campeonato Brasileiro Série C. O jogo ocorrera na Arena da Amazônia, localizada em uma das avenidas mais movimentadas de Manaus, a Djalma Batista.

A conquista do acesso do time a terceira divisão do Campeonato Brasileiro é o estopim da narrativa que queremos desenvolver neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Nenhum time amazonense conseguia subir de divisão desde 1999. O último time a conquistar tal façanha foi o São Raimundo que saiu da Série C em 1999, para a série B no ano seguinte.

Muitos times do Amazonas já jogaram a série C ao longo de sua história. Mas, desde 2008, depois da criação do Campeonato Brasileiro Série D, nenhum time da competição conseguiu subir a série seguinte.

Em 2001 nenhum time disputou a série C competição. Em 2002 e 2003 disputaram o Nacional e o Rio Negro. Em 2004 e 2005 o Grêmio Coariense e o Nacional disputaram. Em 2006 disputaram o Rio Negro e Fast Clube. Em 2007, Fast, Nacional e São Raimundo disputaram. Em 2008, Holanda e Fast Clube disputaram. A partir de 2009, com a criação da quarta divisão do Campeonato, nenhum time do Amazonas havia conseguido até então, retornar a Série C.

Após 20 anos sem um time conseguir passar de divisão e 12 anos de um time amazonense disputar a terceira divisão, é importante mostrar a trajetória do Manaus Futebol Clube, que em seus sete anos de vida, conseguiu quebrar um jejum aguardado pelo torcedor baré.

Por meio do jornalismo queremos resgatar a história que aconteceu em um passado próximo. O livro-reportagem se torna um produto jornalístico disponível para registrar na forma da leitura, a trajetória do Manaus F.C no futebol nacional, bem como o resgate do futebol amazonense por meio de registro histórico.

Temos o intuito de mostrar o começo de temporada do time na criação do elenco e comissão técnica, os treinos, o desempenho no Campeonato Brasileiro na quarta divisão, os jogos disputados ao longo da série D, a repercussão do bom futebol da capital, o amor renascido no torcedor amazonense, a mídia esportiva do estado, a expectativa para o jogo do acesso, o jogo que determina a subida, o clima pós jogo, a repercussão de subida no cenário do futebol e a decisão do título no Campeonato Brasileiro Série D.

O livro-reportagem se mostra como forma de conciliar em um único produto, todos os momentos vividos pelo Manaus Futebol Clube e pelos atores ligados ao futebol do time amazonense durante o ano de 2019.

Para a escrita do livro-reportagem, a equipe usou diversas formas de captação de conteúdo, para obter todas as informações necessárias para redigir o livro. Segue a lista de fontes a serem utilizadas:

#### **a. Fonte documental primária**

*Arquivos públicos* que serão os documentos oficiais referentes a súmulas; boletins financeiros; e relatórios dos jogos da Série D, jogados pelo Manaus F.C em 2019, disponíveis no site da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

*Arquivos Particulares* de instituição de ordem privada, sendo esse o Manaus Futebol Clube. Queremos obter os documentos de fundação do clube.

#### **b. Fonte fotográfica**

Compreendem as imagens tiradas durante o ano de 2019 na rotina do Gavião do Norte, entre elas, bastidores, dias de jogos, eventos do time, torcedores e etc. Os registros fotográficos servirão como resgate dos elementos visuais dos acontecimentos, para que o público resgate na memória os fatos daquele ano.

#### **c. Fonte por meio da documentação da imprensa escrita**

Buscaremos em jornais e revistas amazonenses, o contexto social do esporte do norte, no ano de 2019, com relação ao futebol apresentado pelo Manaus F.C.

#### **d. Fonte documental de meios audiovisuais**

Faremos a análise dos conteúdos dispostas em meio radiofônico, televisivo e online no ano de 2019 referentes aos jogos e bastidores do time amazonense.

#### **e. Entrevista não estruturada**

Utilizaremos perguntas abertas que serão respondidas dentro de uma conversação com os entrevistados para compor a captação do material. Utilizaremos dois modelos de entrevistas não estruturadas:

- *Entrevista clínica:* Trata-se de estudar os motivos, os sentimentos, a conduta das pessoas. Para esse tipo de entrevista pode ser organizada uma série de perguntas específicas.
- *Não dirigida:* Há liberdade total por parte do entrevistado, que poderá expressar suas opiniões e sentimentos. A função do entrevistador é de incentivo, levando o informante a falar sobre determinado assunto, sem, entretanto, forçá-lo a responder.

#### **g. História de vida**

Utilizaremos a técnica onde o entrevistado toma a palavra e narra os fatos dando seu próprio ponto de vista sobre o acontecimento. Essa técnica será utilizada com o intuito de humanizar os relatos dos entrevistados que serão descritos no livro-reportagem.

#### **h. Memória**

Com ela, o entrevistador tenta trazer à tona, memórias do entrevistado, relativas a um determinado período de vida. Ela será útil para refazer o mesmo período de 2019 vivido pelo Manaus, mas com diferentes interpretações dos acontecimentos vividos pelos entrevistados, que carregam consigo visões

únicas por serem ora, torcedores, jornalistas, jogadores, treinadores, gestores, etc.

Segue abaixo, a tabela de pessoas que forão entrevistadas pelas acadêmicas, para a construção do produto jornalístico. Trazemos o nome dos entrevistados, perfil e técnica de entrevista utilizada.

Entrevistado	Perfil	Técnica de entrevista
Luis Mitoso	Fundador do MFC	Presencialmente via gravador de voz
Giovani Alves	Co-fundador do MFC	Presencialmente via gravador de voz
Francisco Peixoto	Fundador da Fazenda São Pedro	Chamada de vídeo via aplicativo de mensagem
Wanderlan Silva	Jogador de futebol	Chamada de vídeo via aplicativo de mensagem
Graciliano Vilaça	Massagista do MFC	Aplicativo de mensagens via celular
Thais Gama	Jornalista	Vídeo chamada via computador
Wellington Fajardo	Técnico de futebol	Vídeo chamada via computador
Thiago Martins	Diretor de marketing do Manaus F.C	Aplicativo de mensagens via celular
Jonathan Queiroz	Jogador de futebol	Presencialmente via gravador de voz
Nailton Garcez	Preparador de goleiros do MFC	Presencialmente via gravador de voz
Tiago Pessoa (Spice)	Jogador de futebol	Presencialmente via gravador de voz
Rodrigo Novaes	Diretor de futebol do MFC	Presencialmente via gravador de voz
Hamilton Soar Sá	Jogador de futebol	Ligação telefônica com recurso de gravador de chamada
Matheus Oliveira	Jogador de futebol	Vídeo chamada via computador
Rossini dos Santos	Jogador de futebol	Presencialmente via gravador de voz
Márcio Gama (Panda)		Presencialmente via gravador de voz
Willian Hobson	Torcedor	Vídeo chamada via computador

André Tobias	Jornalista	Vídeo chamada via computador
Silas Forte	Torcedor de futebol	Aplicativo de mensagens via celular
Thiago Guedes	Jornalista	Vídeo chamada via computador
Zuleinilson da Silva	Funcionário da Arena da Amazônia	Presencialmente via gravador de voz
Juliana Silva	Torcedora	Vídeo chamada via computador
Miguel Henrique	Torcedor	Vídeo chamada via computador
Gecivaldo Siqueira	Torcedor	Aplicativo de mensagens via celular
Théodon Souza	Torcedor	Vídeo chamada via computador
Roger Souza	Torcedor	Vídeo chamada via computador
Danilo Silva	Torcedor	Vídeo chamada via computador

Especificamos as características do livro-reportagem na elaboração do projeto gráfico:

- Formato: 14cm de altura por 26cm de largura
- Papel: papel miolo 75 GR offset/ capa papel triplex 275 gramas iluminação fosca e colada em hotemelt cola pura
- Grade: gride regular, mancha gráfica simétrica.
- Tipografia: Fonte do texto e sumário: Bookman Old Style, tamanhos 12 e 18, regular
- Fonte da letra dos títulos de cada capítulo: A valon, caixa alta e baixa, regular, tamanho 54.
- Fontes utilizadas no subtítulo da capa e nas frases de abertura dos capítulos: Minion Pro caixa alta e caixa baixa, respectivamente, regular e itálico, respectivamente, tamanho 20 e 15 respectivamente.

- Fonte do título do livro: PF Centro Sans Pro, caixa alta, tamanho 84.
- Paleta cromática: cor verde branco e preto.
- Elementos da página impressa: as paginas de cada capítulo contem os títulos e uma frase de abertura para o capítulo. A numeração encontrasse na parte superior a esquerda. Há também um pequeno detalhe em linha verde.
- Arte da capa: As cores verde, branca e preta forão utilizadas como cores principais da capa. Temos a mescla de fotos da torcida e dos jogadores ilustrando o clube a população manauara.
- Imagens foram usadas em cada capítulo para simbolizar cada momento do texto
- Também foram utilizados QR Codes que são direcionamentos para páginas da internet e para o canal do Youtube do livro, para o leitor ter acesso a informações complementares.

Segue o orçamento dos materiais utilizados para a capitação das informações necessárias para a escrita do livro-reportagem.

Item	Unidade	Valor unitário	Valor total
<b>Material de consumo</b>			
<b>Caneta</b>	3	R\$1,00	R\$3,00
<b>Bloco de notas</b>	3	R\$5,00	R\$15,00
<b>Computador com webcam</b>	1	R\$1.500,00	R\$1.500,00
<b>Celular androide</b>	1	R\$1.000,00	R\$1.000,00
<b>Gravador de voz</b>	1	R\$150,00	R\$150,00
<b>Câmera de vídeo</b>		R\$1.500,00	R\$1.500,00
<b>Lapela</b>	1	R\$150,00	R\$150,00
<b>Tripé para câmera</b>	1	R\$150,00	R\$150,00
<b>Internet 4G</b>	Plano anual	R\$50,00	R\$660,00
<b>Diagramação</b>	1	R\$1.500,00	R\$1.500,00
<b>Total do projeto</b>			R\$6.628,00

## **MEMORIAL DESCRITIVO**

### **LUNARA DE OLIVEIRA PEREIRA CRUZ**

Um livro-reportagem voltado para esporte requer conhecimento prévio sobre o tema. Por ter uma familiaridade sobre o assunto, decidi adentrar na temática e convidei amigas que também de simpatizam com o futebol. A partir daí, durante conversas coletivas, analisando o cenário futebolístico do Amazonas, decidimos, em parceria, escrever um livro-reportagem sobre o ano de 2019 do Manaus Futebol Clube.

Para a construção do mesmo, dividimos os capítulos e cada uma ficou responsável por uma quantidade, tendo em vista o tempo de cada disponível para o trabalho. Fiquei responsável pela escrita dos capítulos 1, 3, 4 e 5. Para redigi-los, necessitei marcar entrevistas e conversar com fontes relacionadas a temática e aproveitei para colher material para alguns informações adicionais, aproveitando personagens que apareceriam em capítulos que eu não escreveria. Também realizei a decupagem do material e redigi os textos.

Também fiquei encarregada de idealizar a diagramação do livro-reportagem, dando uma atenção especial, aos elementos que o faria ser único. Obviamente, tive apoio das colegas na construção dessa identidade visual no conteúdo final.

Essa tarefa agregou a mim uma experiência em captação de informações relacionadas ao esporte. Compreendi regras, rotinas, compromissos de uma assessoria esportiva, além de entender a rotina dentro de um time de futebol, no cronograma diário. Essa atividade me proporcionou uma vivência como profissional esportiva, que não havia sido anteriormente praticada. Além disso, compreendi também as bases para se escrever um texto que possa mesclar o conteúdo jornalístico ao literário, tendo em vista que um livro-reportagem deve agregar os dois seguimentos.

### **MARIANA CELINA DA SILVA MARTINS**

Escrever um livro-reportagem vai muito além da escrita jornalista padrão. Nele deve haver a magia da literatura contida nas informações dispostas. Isso é o que chamamos de jornalismo literário. Fui a responsável por fazer a transição da escrita jornalística para a escrita literária e a escrita dos capítulos 7, 8 e 9.

Além disso, fui a responsável por rastrear personagens nas redes sociais, escolher as fotografias que seriam usadas para contextualizar os capítulos escritos por mim. Também participei das entrevistas com Rodrigo Novais, Thiago Spice e Derlan. Realizei a decupação das falas deles que foram usadas ao longo de todo o livro.

Como futura profissional, a experiência de vivenciar o dia a dia da produção de um livro me trouxe uma carga jornalística fundamental para meu futuro na profissão. Tive a oportunidade de aprimorar minha escrita jornalística literária, entrevistar e produzir. Essas etapas foram primordiais para meu aprimoramento final. Essa experiência será como um marco na minha carreira.

### **REBEKAH LOPES FEITOSA**

A escrita é tão importante quanto a leitura. Além de todos os conhecimentos adquiridos através da leitura, decidimos escrever o livro-reportagem no intuito de passar o conhecimento e deixá-lo registrado na história do futebol local. Apesar de vivermos na era digital, a sensação de ter um livro nas mãos é única. No entanto, a tecnologia ajudou no processo da escrita.

Entre os capítulos é possível notar os QR Codes, criados por mim, que são direcionados para vídeos no canal de YouTube do livro que também foi criado por mim. Para o direcionamento dos vídeos foi necessário o conhecimento de edição de vídeos através do programa Filmora9. Os conteúdos gravados são momentos únicos que o time passou durante o ano de 2019.

Também participei de entrevista para a escrita. Conversei com o treinador Wellington Fajardo, que era o técnico à frente do Manaus naquele ano. Essa entrevista foi necessária para vários capítulos do livro. Também escrevi o capítulo 2 do livro que fala sobre o começo do ano de 2019 do Manaus F.C. Esse processo agregou um alto conhecimento sobre futebol amazonense e fomentou minha escrita jornalística. Desenvolvi o amor que já sentia pelo esporte. O fato também me aproximou da história do esporte local.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O esporte amazonense há muito tempo não era lembrado no cenário nacional. Diversos fatores influenciaram na questão, como baixo desempenho de times em competições nacionais, visibilidade limitada nos meios de comunicação nacional, descrença das pessoas com relação à modalidade esportiva na região norte. Enfim, são diversos fatores.

Porém, há alguns anos, o Manaus Futebol Clube iniciou sua trajetória no futebol amazonense e resgatou algumas das características há muito tempo esquecidas. Torcedores voltaram aos estádios para prestigiar partidas. O time revelou desempenho superior aos demais times da capital e conseqüentemente ganhou espaço na elite do cenário brasileiro.

Como o clube conseguiu tal feito, é de se esperar que o ato seja registrado em meio jornalístico, afinal, “O jornalismo deve se colocar a serviço dos leitores. Valem as notícias que afetam o cotidiano das pessoas” (BARBEIRO, RANGEL, 2015, p.122). Leitores que são amentes de esportes naturalmente necessitam consumir notícias relacionadas a essa editoria.

Mas não somente notícias factuais são interessantes dentro do jornalismo. Pessoas leem histórias sobre outras pessoas, que se identifique com suas vivências, que se emocionem com seus relatos. Para isso, o livro-reportagem surge como forma de explorar fatos não veiculados nas grandes empresas de comunicação, que segundo Belo (2006), se utilizam de histórias factuais.

O livro-reportagem voltado para contar a história do Manaus Futebol Clube em 2019, com o bom desempenho na quarta divisão do Campeonato Brasileiro Série D, é uma das maneiras de registrar um momento histórico dentro do futebol amazonense no século XXI. Além disso, combate a escassez de livros que abordem o tema e estimula a criação de novos títulos voltados ao esporte baré.

O livro-reportagem história, juntamente com o flash, (que são os escolhidos como categorias) “focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual.” (LIMA, 2009, p.53).

Esse elo é facilmente encontrado em meio esportivo, pois sempre existirão novos torcedores que se identificam com histórias da agremiação. Títulos, bons desempenhos, jogadores ídolos ficam memorizados nas mentes dos torcedores mais velhos, que disseminam aos mais novos, gerando um ciclo de histórias a serem contadas. Os livros também atuam como disseminadores da informação ao longo dos anos.

Durante a escrita foi possível perceber aspectos ainda não explorados dentro do cenário jornalístico amazonense, onde histórias humanas sobre a paixão pelo esporte são deixadas de lado. Também evidencia problemas que ainda estão presentes no cenário futebolístico, como a precariedade dos investimentos no futebol, as grandes despesas arcadas pelos clubes para manter a agremiação, a importância da relação do clube e do torcedor e demais aspectos.

As visões sobre o cotidiano do futebol amazonense puderam ser percebida e se transformaram em relatos jornalísticos que evidenciam o cenário do esporte no Amazonas, por que o jornalista, deve além de explorar os acontecimentos, revelar a verdade que não está explicitamente dita no cotidiano, confirme Lopes (2013).

Também, a escrita de um produto deste seguimento, revelou novas formas de se escrever dentro do jornalismo, alinhando a escrita literária às informações futebolísticas. É necessário entender para qual meio se escreve, para então identificar qual forma de escrita é mais atraente para o público que consumirá o material jornalístico.

A história do Manaus F.C contada no livro-reportagem escrito como produto jornalístico é apenas uma entre tantas que podem ser exploradas por jornalísticas que atuam na área esportiva. É necessário olhar com mais cuidado para o cenário esportivo do Amazonas. É possível descobrir uma infinidade de novas realidades que podem ser registadas.

E elas podem ser contatadas em diversos outros formatos. Dentro do jornalismo há diversas maneiras de e transmitir a informações, Vídeo, áudio, escrita imprensa. Elas podem ser armazenadas em conteúdo impresso, e digital. Basta apenas estar atento ao que acontece no cotidiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do jornalismo esportivo**. Contexto. São Paulo. 2006

BELO, Eduardo. **Livro Reportagem**. São Paulo. Contexto. 2006.

BOCAGE, Sergio du. **Na mesa redonda**. In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção. Secretaria Especial de Comunicação Social. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. 2004.

COELHO, Paulo Vinícius. **Jornalismo Esportivo**. Contexto. São Paulo 2003

\_\_\_\_\_. **História de paixão**. In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção. Secretaria Especial de Comunicação Social. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. 2004. Disponível em <

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101403/estudos11.pdf&ved=2ahUKEwis1Kidmr7oAhUdKrkGH>

eNGC5UQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw1VDXclLBDCMhFxyL0YXRoD>.

Acesso em 28 de março de 2020

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Esportivo: História da paixão**. In: Série Estudos. Secretaria Especial de Comunicação Social. Prefeitura do Rio. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade, 2004, n. 11. Disponível em <  
<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101403/estudos11.pdf&ved=2ahUKEwis1Kidmr7oAhUdKrkGH>

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204433/4101403/estudos11.pdf&ved=2ahUKEwis1Kidmr7oAhUdKrkGH>

eNGC5UQFjAAegQIAxAB&usg=AOvVaw1VDXclLBDCMhFxyL0YXRoD>.

Acesso em 28 de março de 2020

**Conhecendo a imprensa:** noções básicas da linguagem jornalística. Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios. Assessoria de comunicação social.

Disponível em

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.tjdft.jus.br/publicacoes/edicoes/manuaiscartilhas/GlossarioConhecendoAImprensa.pdf&ved=2ahUKEwiCmjqtLpAhXnDrkG>

<https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.tjdft.jus.br/publicacoes/edicoes/manuaiscartilhas/GlossarioConhecendoAImprensa.pdf&ved=2ahUKEwiCmjqtLpAhXnDrkG>

Hd58D1w4ChAWMAJ6BAgJEAE&usg=AOvVaw2oRFJCsZZO2elqY-ZgR2w.

Acesso em 26 de maio de 2020



**Manaus revela ameaças, destaca "clima de guerra" em Caxias do Sul e passará a noite em Porto Alegre.** GloboEsporte.com (2019). Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/am/futebol/times/manaus/noticia/manausrevela-ameacas-destaca-clima-de-guerra-em-caxias-do-sul-e-passara-a-noite-emportoalegre.ghtml>>. Acesso em: 07 de abril de 2020.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª edição. São Paulo. Atlas. 2003. Disponível em <[https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://docente.ifrn.edu.br/o\\_livianeta/disciplinas/copy\\_of\\_historia-i/historia-ii/china-e-india&ved=2ahUKEwih\\_evWm77oAhXcJ7kGHT7eBnEQFjACegQIBBAC&usg=AOvVaw0Vf7APDPwjIMcrhIxctoVw](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://docente.ifrn.edu.br/o_livianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india&ved=2ahUKEwih_evWm77oAhXcJ7kGHT7eBnEQFjACegQIBBAC&usg=AOvVaw0Vf7APDPwjIMcrhIxctoVw)> Acesso em 28 de março de 2020.

MELLO, Fernando Ferreira. **Esporte e literatura**.

MILLS, Jhon. **Charles Miller: o pai do futebol brasileiro**. Panda Books. 2005. Disponível em <[https://books.google.com.br/books?id=N34IAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs\\_ge\\_summary\\_r&cad=0#v=onepage&q&f=false](https://books.google.com.br/books?id=N34IAwAAQBAJ&printsec=frontcover&hl=ptBR&source=gbs_ge_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false)>. Acesso em 19 de maio de 2020.

NEVES, Thalita. **Aspectos da história do jornalismo esportivo**. Alcar Sudeste. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC. 2018

NOBERTO, Natalício. **Jornalismo para principiantes**. Tecnoprint. Rio de Janeiro. 1978.

NORONHA, Sérgio. **O poder das imagens**. In: Jornalismo esportivo: os craques da emoção. Secretaria Especial de Comunicação Social. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. 2004.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo - RS. 2ª edição. Feevale. 2013. Disponível em <[https://sistemas.portaledu.com.br/EducaMobile/Educacional/EduArquivos/Download/6882?arquivo=2020320\\_185351\\_Ebook%2BMetodologia%2Bdo%2BTrabalho%2BCientifico.pdf&httproute=True](https://sistemas.portaledu.com.br/EducaMobile/Educacional/EduArquivos/Download/6882?arquivo=2020320_185351_Ebook%2BMetodologia%2Bdo%2BTrabalho%2BCientifico.pdf&httproute=True)>. Acesso em 07 de abril de 2020

RODRIGUES FILHO, Mário Leite. **O negro no futebol brasileiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro. Mauad. 2003. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?id=4n3n63FoJQsC&pg=PA4&lpg=PA4&dq=O,+M%C3%A1rio,+O+Negro+no+Futebol+Brasileiro,+MAUAD+Editora,+2003++ISBN+85-7478-096->>

0

&source=bl&ots=a2pEMdwcP6&sig=ACfU3U35UXKwwOE0sn6kO8ta5n0nhM72vA

&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwit6bi0-5XoAhXxELkGHf-

HBDMQ6AEwAHoECAYQAQ#v=onepage&q=FILHO%2C%20M%3%A1rio.%20

%20Negro%20no%20Futebol%20Brasileiro.%20MAUAD%20Editora%2C%202003%20-%20ISBN%2085-7478-096-0&f=true>. Acesso em 28 de março de 2020.

RODRIGUES, Nelson. **Somos o Brasil**. Nova Fronteira. Rio de Janeiro. 2013

SANTOS, Daniel de Araújo dos. **Futebol e política: a criação do campeonato nacional de clubes do Brasil**. Dissertação (mestrado) – Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Programa de Pós-Graduação em História Política e Bens Culturais. Rio de Janeiro. 2012.

Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10367/Futebol%2520e%2520pol%25C3%25ADtic%20a->

[a%2520cria%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520do%2520campeonato%2520brasileiro%2520de%2520clubes%2520de%2520futebol.pdf&ved=2ahUKEwjUj7GHnL7oAhXMFLkGHdMpAZ8QFjABegQICxAG&usg=AOvVaw2qbCqmHggG5hLOCsfZHIHz](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10367/Futebol%2520e%2520pol%25C3%25ADtic%20a-).

[Hz](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10367/Futebol%2520e%2520pol%25C3%25ADtic%20a-a%2520cria%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520do%2520campeonato%2520brasileiro%2520de%2520clubes%2520de%2520futebol.pdf&ved=2ahUKEwjUj7GHnL7oAhXMFLkGHdMpAZ8QFjABegQICxAG&usg=AOvVaw2qbCqmHggG5hLOCsfZHIHz). Acesso em 28 de março de 2020

[Hz](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10367/Futebol%2520e%2520pol%25C3%25ADtic%20a-a%2520cria%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520do%2520campeonato%2520brasileiro%2520de%2520clubes%2520de%2520futebol.pdf&ved=2ahUKEwjUj7GHnL7oAhXMFLkGHdMpAZ8QFjABegQICxAG&usg=AOvVaw2qbCqmHggG5hLOCsfZHIHz).

[Hz](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10367/Futebol%2520e%2520pol%25C3%25ADtic%20a-a%2520cria%25C3%25A7%25C3%25A3o%2520do%2520campeonato%2520brasileiro%2520de%2520clubes%2520de%2520futebol.pdf&ved=2ahUKEwjUj7GHnL7oAhXMFLkGHdMpAZ8QFjABegQICxAG&usg=AOvVaw2qbCqmHggG5hLOCsfZHIHz).

SILVA JUNIOR, Antônio José de Souza; SALAZAR, Viviane Santos; FEITOSA, Marcos Gilson Gomes. **O novo cenário do futebol brasileiro: uma análise partir dos campeonatos goiano, paranaense e pernambucano**. Revista Brasileira de Ciência. Esporte. Florianópolis. V. 36. N.1. p. 103-122. Janeiro-Março. 2014. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v36n1/0101-3289-rbce-36-01-00103.pdf>>. Acesso em 28 de março de 2020.

SOUZA, Eliza Salgado de. **Panorama do esporte em Manaus - 1897 a 1911**.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos do Lazer, da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2017.

Disponível em <https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.eeffto.ufmg.br/e>

[effto/DATA/UserFiles/files/Eliza%2520Salgado.pdf&ved=2ahUKEwiv\\_9aaksHpAhWqFLkGHSPfDdEQFjAAegQIBRAC&usg=AOvVaw0j4aRQG0qrqvlvmtwFAVpF](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.eeffto.ufmg.br/e).

[AhWqFLkGHSPfDdEQFjAAegQIBRAC&usg=AOvVaw0j4aRQG0qrqvlvmtwFAVpF](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.eeffto.ufmg.br/e).

[FLkGHSPfDdEQFjAAegQIBRAC&usg=AOvVaw0j4aRQG0qrqvlvmtwFAVpF](https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=http://www.eeffto.ufmg.br/e). Acesso em 19 de maio de 2020.

VIEIRA NETO, Gaspar. **Memória do esporte bretão caboclo: Os primórdios do futebol no Amazonas 1903 a 1914.** Editora do autor. Manaus-AM. 2017.

## ANEXOS







